

## Ao Fornecedôr DAS ESCOLAS PUBLICAS

Carabina escolar de fabricação propria, distinctivos e  
medalhas para premios

Rua José Bonifacio, 29—Telephonio, 1658  
**S. PAULO**



Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Única casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os grupos escolares, lyceus e collegios particulares

SEÇÃO DE EXERCÍCIOS MILITARES  
Armamentos, Espadas, Tambôres, Cornetas, Divisas.  
Especialidade em Estandartes bordados, Bandeiras e Cortinas.

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

CASA DE CONFIANÇA — Importação directa

**A. BOGGIANI**

Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1393

S. PAULO ↔ SETEMBRO DE 1909 ↔ ANNO VIII

## REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

## Associação Beneficente

DO

PROFESSÔRADO PUBLICO DE SÃO PAULO.

REDACTÔR - SECRETARIO :

AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTÔRES - EFFECTIVOS :

THEODORO JERONIMO RODRIGUES DE MORAES,  
BENEDICTO MARIA TOLOSA,  
ANTONIO PEIXOTO, JUSTINIANO VIANNA,  
JOSE' A. DE AZÉVEDO ANTUNES.

PUBLICAÇÃO - TRIMESTRAL

NUMERO 3

TYPOGRAPHIA NACIONAL

— DE —

CARLOS BORBA

Rua Onze de Agosto, 29 — (Antiga do Quartel)  
S. PAULO



## EXPEDIENTE

# Revista de Ensino

Publicação trimestral de pedagogia pratica

**Orgam da Associação Beneficente do  
Professôrado Publico de S. Paulo**

Esta Revista insere em suas paginas artigos de orientação geral, de critica e de methodisação das disciplinas, que constituem o programma das nossas escolas. Mantém as seguintes secções: *Redacção, Pantheon escolar, Questões geraes, Pedagogia pratica, Literatura escolar, Collaboração, Diversos, Pela imprensa estrangeira, Cantos escolares, Movimento associativo, Noticiário, Annuncios, Summario.*

**Acceita e pede a collaboração** de todos que quizerem contribuir para a methodisação do ensino.

**Escriptorio e redacção:** rua Sancta Thereza, 28.

Assignatura annual . . . . 5\$000—Numero avulso . . . . . 1\$500

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactôr-secretario—professôr Augusto R. de Carvalho—á caixa do correio n. 183.

Toda a correspondencia relativa á *Associação*, aos seus *directôres, conselho fiscal, secretario, thesoureiro, procuradôr e mordômas* e tudo quanto, directa ou indirectamente, se refira á Directoria da Associação, deve ser enviado á séde — rua Sancta Thereza, 28. A caixa-postal n. 183 é de uso exclusivo do redactôr da *Revista*, sr. Augusto R. de Carvalho, e de tudo quanto se referir a essa publicação.

## REDACÇÃO



## O ACTUAL PROGRAMMA DE ENSINO DOS GRUPOS E DA ESCOLA MODELO

Ce n'est pas mes lumières que je cherche de répandre: ce sont celles d'autrui.

*Cassendi.*

A ordem logica de um bom programma de ensino deve corresponder á ordem chronologica do desenvolvimento das forças do espirito.

*G. Compayré--Psychologie.*

### II

O systema de refórmar o ensino apenas pela mudança de rotulo, transplantando de uma nação para outra as suas creações, os seus recursos pedagogicos, sempre será um desperdicio de tempo, uma dissipação de energias e um mau emprego de actividades.

A instrucção de um povo não póde adaptar-se inteiramente, peça por peça, á de outro; mas, confrontando entre si duas ou mais organizações diferentes, estudando-as e medindo bem os seus effeitos, pesando fielmente os seus resultados — muito se poderá aprender com as suas fecundas experiencias e muitos principios serão tambem apurados pela investigação meditada e criteriosa.

Para mudar a feição da escola nacional, não basta gosar das delicias de uma digressão de meia duzia de mezes pelas escolas americanas ou pelos estabelecimentos do ensino publico europeu.

Seria esse curtissimo prazo apenas o sufficiente para uma inspecção do material e da installação mobiliár de cada instituição.

Contudo, para quem não sabe applicar a attenção ás coisas exteriôres ao nosso *eu*, para aquelle viajôr que não tem o estorço da observação, em quem não é innata a espontaneidade de discernir o joio do trigo e a promptidão nas decisões — nem mesmo dez annos chegariam para o térmo daquella missão.

Achamos que, como já se lembrou alguém, não é um erro administrativo nem pedagogico enviar professôres ou missionarios do ensino ás terras de outros povos, com a esperanza, sempre louvavel, de vê-los importar, em suas bagagens litero-didacticas, a refórma da nossa instrucção primaria.

O successo da empreza está nas aptidões technicas do emissario, no tempo que a ella fôr consagrado e no modo de leval-a á realisação.

Operosos e competentes — os enviados da escola publica deverão constantemente, por qualquer fórma, manifestar ás auctoridades do ensino que não estão transformando a seriedade da sua missão em regabofes de sinecuras.

Como todos vêm, suppômos aqui que houve justiça na escolha dos representantes do ensino.

A empreza será infructifera, si a falta de escrupulos levar a selecção para a cabeça daquelles entes perseguidos pela sorte e privilegiados pelos govêrnos, em



cujos conceitos têm elles aptidões e habilitações para tudo e para as mais severas e patrióticas incumbencias.

Muitos serão, naturalmente, os que aspiram á digressão pelas metropoles do mundo; e grande desastre seria forçosamente para o ensino e muito onerosa para o Estado, a viagem de leigos aos primorosos e diversos paizes civilisados.

Residindo entre povos de costumes completamente diversos, entre nações de aspirações completamente antagonicas e sociedades carcomidas pelo virus dos mais absurdos preconceitos e saturadas das doutrinas as mais perigosas e impraticaveis — muito teriam que observar os mestres em inspecção.

Veriam processos de ensino inglezes apropriados ao povo inglez. Veriam methodos didacticos francezes, allemães, suissos e italianos accommodados respectivamente ao povo allemão, ao povo suizo, ao povo francez e ao povo italiano. Veriam coisas e archi-coisas quasi sobrenaturaes nos Estados Unidos, cujos processos pedagogicos, importados da Europa e ampliados de innumeradas patacoadas americanas, na phrase verdadeira do saudoso dr. Alberto Salles — foram suggeridos pelas proprias necessidades do meio e pela propria indole dos cidadãos *yankees*.

Por toda a parte, notariam programmas e regulamentos, mestres e escolas, principios, recursos orçamentarios, criterio governamental, respeito á Constituição e aos direitos de outrem, equidade e um catalogo interminavel de innovações completamente inaceitaveis por serem de impossivel aclimação...

Contemplariam aos derradeiros funeraes de um seculo luminoso. Notariam a agonia de muitas das conquistas das preteritas gerações e o desmantelamento de uma civilisação em desespero, sem um programma definido, de povos que se sacrificam e que, no intimo, se odeiam pela ambição desenfreada.

Visitariam escolas que aqui não temos nem poderemos ter ainda, porque tambem ainda não chegou o momento sociologico de estabelec-las.

Deverá o professor permanecer no estrangeiro, no maximo, *cinco annos*, e no minimo, *tres*.

A primeira vista, parecerá longo prazo; mas, desde que se pense um pouco, se reconhecerá que não: o professor precisará, primeiro, conhecer a fundo a lingua do paiz que o hospeda, afim de poder identificar-se com os habitos e costumes locais; deverá armar-se desse imprescindivel alvitre para poder penetrar a sociedade e as escolas; passará alguns mezes em umas cidades e outros mezes em outras do mesmo paiz, afim de perceber o criterio da reforma e a sua adaptação ás regiões.

Assistirá ás aulas nas escolas de uma e de outra localidade, afim de vêr onde palpita o character nacional, afim de saber qual a orientação do mestre e como o recebem os alumnos e os paes.

Verá como se faz a dosagem da instrução e a concepção do ensino elementar.

Notará si as escolas ruraes têm predios proprios e si o professor é equitativamente remunerado.

Perguntará em toda parte si é de praxe, nas escolas, despedir por incapazes as creanças que não conseguiram em um anno media razoavel de approvação.

Estudará os diversos programmas para vêr si o ensino é ou não perfeito e si os processos, os methodos e as noções são os mesmos *urbí et orbe*.

Quanto trabalho e quanto estudo!  
Quem dirá que uma empreza tão complicada se cumprirá da noite para o dia, em um nullo lapso de tempo?

Mandar professores passeiar por dois ou tres annos, para se instruirem a vapor e para virem em seguida ruminar apontamentos confusos e baralhados sobre coisas e factos já esquecidos, em relatorios inuteis — será dar mais expansão ao regimen do papelorio e das theorias impraticaveis, em detrimento das doutrinas oppostas, mas verdadeiras, que promovem a acção immediata.

As escolas de um povo são os mais publicos documentos da sua indole e dos seus costumes.

Por ellas se infere o progresso e a importancia intellectual do cidadão.

Quanto vale a escola, assim tambem será a valia do povo que a frequenta e prestigia.

Reformar a instrução primaria sem accudir ás necessidades mesologicas — é legislar em pura perda, em desfavor do progresso local e nacional, engrandecendo cada vez mais o puritano regimen declamatorio com as asserções presumidas dos sermões parlamentares, em que á critica leal e severa apenas se depara um diluvio de locuções lófas e vãs, repintadas por salvadores conhecimentos rhetoricos.

E' preciso que o cidadão, em pretendendo reformar o ensino paulista, seja um observador profundo para esmerilhar, no recesso do organismo social, os lamentos das suas palpitantes necessidades, afim de vêr o que lhe deve partilhar na letra da reforma.

E' necessario abrir um capitulo diverso na historia da instrução em nossa terra e ponderar bem, despidendo-se das preocupações e crenças philosophicas e religiosas, no que deve saber o povo de uma democracia.

Gastar tanto dinheiro para custear um ensino sem escolas — consentindo apenas que o filho do povo aprenda *ler, escrever, contar* — é antipatriotico e é um des-serviço á Patria.

Mais economico seria, então, fazer um curso preliminar de *um mez* ou *dois*, em que a creança aprendesse sómente a assignar o nome, para não passar mais tarde pela vergonha dos *a rogo*, por ser inteiramente illetrada.

A principal sinão causa unica do declinio visivel e indiscutivel do ensino em S. Paulo, está no actual programma das escolas e na falta de estabilidade nos cargos, das auctoridades supremas da instrução publica elementar.

Cada govêrno tem uma orientação, que é a do seu secretario de estado dos negocios do interior ou de quem o assopre.

O inspector geral do ensino quer, *sósinho*, desacompanhado até de bons auctôres, já que se divorciou dos bons collegas que o auxiliam, fazer tudo e é absorvido em suas funções perfeitamente descriptas, pela politica e pelas imposições dos padrinhos inflexiveis.

Porque não se despe um pouco dessa frivola vaidade e não congrega os mui dignos directôres de grupos escolares e os dez inspectôres, para a elaboração da reforma e do programma do ensino?

Confiar em bachareis não é uma garantia, nem um penhór para o magisterio.

Simplificar o programma, reduzi-lo em termos, dando-lhe uma feição mais scientifica e o que for essencial á instrução dos filhos do povo — é um problema de solução bem laboriosa e de reconhecida urgencia.

Methodisal-o, coordenal-o, systematizal-o scientificamente, de modo que o professor, no desempenho do seu encargo, não esteja a dar cambalhotas para a frente e para traz e saiba o que vai ensinar a seus alumnos — é um repto de honra que o Estado lança á sabedoria do magisterio e ao patriotismo dos legisladores, os reformadores da escola paulista.

Emquanto não reagirem os professores, na tribuna e na imprensa, em congressos ou isoladamente, contra esse monstro, que distoia no concerto harmonico das concepções bem equilibradas, estaremos, em materia de instrução primaria, dormindo em um fôfo leito de presumpções, com a frente aureolada pelas fulgurações enganosas da tãma.

O ensino, em S. Paulo, já tez epoca: hoje, como um organismo em decrepitude, está em crise, sem esperanza de salvar-se por falta de medicos que o levem á cura e á reconquista do perdido conceito, do perdido vigor de seus tempos heroicos.

\*  
\* \*

As nossas primeiras ideias sobre a reforma da instrução primaria, as primeiras afirmações categoricas da nossa orientação sobre o programma de ensino — fizemol-as ha quasi anno, levados apenas por uma convicção inabalavel.



Agora, porém, maior ainda se torna a nossa inflexibilidade de princípios, pois vemos, a nosso lado, professores emeritos e *directores de escolas normaes* de varias localidades da França, a pugnar pela adaptação dos programmas ao meio, ás necessidades mesologicas.

O *Congresso de Nancy*, onde magnas questões didacticas surgiram ao tribunal da discussão, acaba de encerrar as suas sessões. Entre as mais interessantes e capitais theses que foram offerecidas ao debate — duas houve referentes ao ensino primario, cuja concepção se procurou tambem definir e esclarecer.

A *escola syndicalista* deu, á escola primaria, a seguinte divisa: *Eduquemos productores*.

Segundo essa concepção syndicalista, toda educação do homem deve, desde a infancia, sahir da apprendizagem de um officio e, si assim fosse na realidade, grande revolução se operaria nos programmas e nos methodos em vigencia.

Encontrou essa proposta, no seio do *Congresso*, dois unicos advogados, cuja voz eloquente não encontrou o menor echo.

O sr. Devinat (1) e o sr. Dufrenne apresentaram duas moções, que dividiram entre si os suffragios da assembleia, ambos, porém, contrarios á concepção syndicalista.

A intenção das duas era attender ás necessidades *locaes* ou *regionaes*, exercitar os sentidos, ensinar a observar, utilisar os methodos que preparam á acção.

E' isso sómente que é realisavel na escola primaria, sob a direcção, comtudo, de mestres habéis: fóra disso, apenas a chimera.

O *Congresso de Nancy*, sem a menor hesitação, sem o menor equívoco, proclamou essa verdade e deu outras muitas provas de senso pratico e de relativa moderação, attendendo-se mórmente ao entrechoque actual dos princípios religiosos, que estremece á sociedade.

\* \*

A questão dos programmas absorveu um bom numero das sessões do *Congresso*.

Devinat e Magnien, ambos directores de escolas normaes, levantaram o principio de que *a escola deve preparar cidadãos, homens honestos, bons francezes; é preciso dar á creança bons habitos, bons sentimentos*.

Roussel e Tortillet, oppugnando a these dos dois directores de escolas normaes, queriam adaptar o ensino tão sómente á natureza da creança com o concurso do medico, mais ainda ao meio em que essa creança se evolve.

Devinat e Magniou combateram essa concepção, por verem nella uma inclinação da escola para o ensino profissional.

Dufrenne, reconhecendo na concepção de Roussel e de Tortillet uma tendência que é mister animar, emittiu uma opinião intermediaria:

«O ensino primario deve preoccupar-se mais com a observação das coisas que com o estudo de palavras, ou os methodos devem ser concretos e preparar o estudante primario á acção.

Dufrenne, acceitando a primeira parte do programma de Roussel, sobre a adaptação do programma á natureza da creança triumphou sobre Devinat, em sessão plenaria, por 146 contra 113.

Enquanto aqui, em S. Paulo, se improvisa um reformador de ensino, de cuja vontade depende tudo pela carta branca que lhe dão as auctoridades do Estado — em França, na Europa, onde os Estados Unidos foram saciar-se dos ensinamentos que aperfeiçoaram, abre-se um *Congresso de Professores*, em Nancy, em cujo seio se fórmou uma *Commissão* para elaborar a reforma dos programmas.

E' que lá as presumpções são muito poucas e aqui o caracter de *semi-deuses* das auctoridades do ensino afasta as aptidões e repelle para o ostracismo os membros eminentes do magisterio, que poderiam collaborar efficaçmente na reforma da instrucção primaria.

A *Commissão dos programmas*, em Nancy, luctou eslorçadamente com muitos problemas e controversias.

Não eram tres sessões de quatro horas, que poderiam exgottar o assumpto. Nunca os congressos pedagogicos francezes tinham posto, na ordem do dia, uma questão tão complexa.

Aqui basta uma unica vontade e S. Paulo é o primeiro Estado em instrucção publica e coisas de ensino!

Cuidou-se lá, como preambulo aos debates, de definir a escola primaria. A moção Devinat era assim concebida:

A escola elementar tem por objecto essencial prover a creança dos habitos, sentimentos, das qualidades de espirito e de vontade, dos conhecimentos praticos, que lhe permittirão mais tarde cumprir, na sociedade, seus deveres de homem honesto, de bom cidadão e de bom francez.

Si não é desejavel, nem possivel, que ella tenha um caracter profissional, é necessario, todavia — conforme as instrucções que acompanham seus programmas e para escapar á esterilidade das abstrações e do formalismo — que ella faça basear, tanto quanto possa, suas noções de toda especie nas realidades do meio local ou regional: tal deve ser uma das primeiras preoccupações dos professores.

Dufrenne resumiu sua opinião sob uma fórmula pouco diferente:

O ensino primario tem por objecto a cultura das faculdades physicas, intellectuaes e moraes do alumno.

Visa, além disso, munil-os dos meios de trabalho e de conhecimentos uteis á generalidade dos homens, em qualquer condições que elles se achem.

O ensino primario tem o mesmo objecto para as meninas como para os meninos.

A concepção dos programmas de 1882 e de 1887, pela qual o ensino primario é como o quadro dos principaes conhecimentos humanos, tendo um valor educativo — é mantida em seus principios e em seus grandes traços.

Roussel resumiu suas ideias no texto seguinte:

Os programmas serão adaptados á natureza physica, intellectual e moral da creança.

A analyse infantil será, pois, a base de toda educação e de todo ensino. Em vista deste estudo será instituido para cada alumno, desde sua entrada em classe, uma dosagem medico-pedagogica e serão notados os resultados:

a) — do exame physico pelo medico inspectór,  
b) — das pesquizas e observações do professor sobre a mentalidade do alumno.

Este conhecimento dos alumnos permittirá a sua distribuição em grupos homogeneos. Servirá para determinar a natureza dos exercicios e do regimen educativo conveniente a cada agrupamento.

Os methodos e proces.os de ensino serão submettidos a experiencias. E' necessario que cursos de psychologia experimental sejam creados em todas as escolas normaes e que em cada escola annexa seja estabelecido um laboratorio de pedagogia.

Todos os ramos do ensino (salvo evidentemente o mecanismo da leitura, da escripta, das regras do calculo) serão baseados na observação e no estudo dos factos geographicos, economicos, sociaes, da localidade.

Convirá tomar principalmente como centro de interesse as coisas do officio dominante para os meninos e da vida domestica, para as meninas.

O methodo pedagogico que presidir ao estudo desses centros de interesses não ensinará sómente a observar, mas se esforçará tambem, utilizando-se do desenho e dos trabalhos manuaes, por desenvolver nas creanças o espirito de criação, de invenção.

Os programmas das escolas normaes, sobretudo os do 3.º anno, serão adaptados á região.

Além dos conhecimentos de geographia e de historia, da vida economica e social do departamento, se dará a cada alumno-mestre um methodo de estudo de um me o local.

Em uma escola de uma unica classe, cabe ao mestre entregar-se a um estudo monographico completo da localidade em que trabalha; preparar, no principio do anno, seu programma de estudos; marcar claramente o encadeiamento das materias do programma, a seu ensino adaptado.

Nas escolas de varias classes, é o conselho dos mestres que preencherá essa tarefa.

Dufrenne lançou depois a seguinte proposição, sustentada energicamente desta vez por todo o grupo syndicalista:

(1) Director da Escola Normal do Sena, membro do Conselho Superior da Instrucção Publica.



O ensino primario deve preoccupar-se mais com a observação das coisas e menos com o estudo das palavras, a parte cabivel ás lições de coisas e ao ensino scientifico deve ser augmentada, em detrimento dos exercicios proprios de lingua-gem, de grammatica e de orthographia, conservando a leitura explicada a sua importancia actual.

Os methodos de ensino devem ser concretos e preparar á acção.

Ha lugar, em consequencia, de modificar profundamente os programmas officiaes de trabalho manual e de desenho.

O trabalho manual será transferido ao capitulo da educação intellectual e deve, com o desenho, acompanhar e sustentar todas as outras disciplinas.

Os regulamentos relativos ao emprego do tempo devem ser modificados e ampliados de maneira a permittir esta reforma dos methodos e processos de ensino.

O ensino deve, com effeito, para ser concreto, adaptar-se minuciosamente ás realidades do meio e estas realidades são, em seu detalhe, mutaveis e imprevistas.

Deverão os professores realisar passeios com as escolas.

Embora tivesse a oppugnação de Devinat e embora Sennelier suppuzesse que era dever conservar a organização actual dos programmas de ensino — o voto foi claramente favoravel ao projecto Dutrenne.

Com a approvação dessa proposição, terminou a discussão sobre a adaptação dos programmas.

Para mostrar que não ficou esquecida a sorte das escolas femininas, lembramos a intervenção da prof. M. Le Panis, que sustentou eloquentemente a these da adaptação dos programmas ás necessidades da menina, futura esposa e futura mãe.

A assembleia lhe rendeu o successo que merecia e o seu discurso é, certamente, uma das mais bellas paginas que se podem ler no *compte rendu* stenographico do *Congresso*.

Emquanto lá, nesse paiz que illumina e honra a humanidade, se discutem theses de valôr para melhorar ás escolas nacionaes, aqui, o inspectôr geral do ensino, pelo que *apprendeu electricamente* nos Estados Unidos, manda despejar alumnos de uma classe para outra sem o devido preparo e dá á escola primaria uma concepção peor que a das antigas *escolas regias*!

AUGUSTO R. DE CARVALHO.



## QUESTÕES GERAES



## Physiologia e Psychologia

Na natureza não ha factos isolados: todos os phenomenos se ligam em uma relação de causa para effeito, de antecedente para consequente.

Quando consideram s um facto isoladamente, para concentrar nelle a nossa attenção, é porque as condições da sua producção, que abstrahimos, ou nos levam a um conhecimento mais claro da observação, ou da experiencia, ou não pôdem alterar as nossas conclusões.

Em virtude da sua complexidade, os factos psychicos não pôdem ser considerados isoladamente sem nos conduzirem a falsas concepções: as sensações, as emoções, os sentimentos, as ideias, etc., estudados em si mesmos nos conduzem imperceptivelmente a consideral-os como entidades distinctas, o que é inexacto, absurdo.

Isto posto, observemos as seguintes relações.

1)—Qualquer excitação nos nervos sensitivos actua sobre o coração; as que não são muito fortes nem repentinamente provocam a acceleração das pulsações; as que são muito intensas e dolorosas retardam ou suspendem as pulsações, donde a syncope, a perda da intelligencia e dos estados affectivos.

2)—Reciprocamente: não ha pensamento sem contracção muscular. Si o individuo reflecte intensamente, ha sempre um começo de palavra: a lingua, o larynge, os labios e até a cabeça e os braços executam movimentos.

3)—Os excessos de trabalho intellectual produzem frequentemente amollecimento cerebral, que se traduz por soffrimentos nervosos, depressão da memoria, perda da intelligencia. Inversamente: o amollecimento cerebral devido a outra causa (a velhice, por

exemplo) produz fraqueza intellectual.

4)—Uma lesão organica do coração produz a perda da memoria, estupidez, vertigens.

5)—Os excessos de trabalho mental produzem molestias do coração.

6)—A dôr physica e o prazer physico têm como causa um estado physiologico; a dôr moral e o prazer moral têm como causa uma transformação, uma representação desse estado. A tristeza (dôr moral) é acompanhada das mesmas modificações no organismo que as da dôr physica: perturbações da circulação, constricção dos vasos-mctores, diminuição dos movimentos cardiacos, syncope, etc..

7)—O prazer, physico ou moral, é acompanhado tambem de modificações organicas: augmento da circulação, principalmente da cerebral, inervação dos músculos exprimindo-se pela exuberancia dos movimentos, riso, canto, etc.

8)—Todos os estados emotivos são acompanhados de uma mudança correspondente na circulação.

9)—Toda sensação produz modificações no organismo, e reciprocamente: a sensação luminosa é produzida pela excitação da retina; mas tambem pôde ser causada pela excitação mecanica da retina ou do nervo optico. A sensação auditiva resulta da excitação das terminações do nervo acustico pelas ondas sonoras, mas tambem pôde resultar da excitação mecanica desse mesmo nervo.

Estas e tantas outras associações, que se não destroem por abstrações, mostram-nos que seria insensato quem procurasse a causa de uma fraqueza da intelligencia, consequente de amollecimento cerebral, ou a amnésia devida a uma lesão cardiaca, ou a tristeza consequente de uma hypocondria,



etc., em uma entidade que que não estivesse ligada aos estados physiologicos, como a função está ligada ao organo.

Uma vez que taes relações se podem observar em todos os phenomenos intellectuaes ou emotivos, a condição necessaria de qualquer phenomeno psychico é um estado physiologico correspondente, o qual, por seu turno, depende do systema nervoso, cujas manifestações subjectivas (estados de consciencia) differem com o grau de sensibilidade de cada individuo.

Os estados de consciencia são manifestações subjectivas de mudanças nervosas.

Como, porém, uma ideia, um emoção, um sentimento, um phenomeno psychico, em summa, se transforma em phenomeno physiologico e vice-versa?

— É' o que nos explicam as leis da propagação e transformação da força ou energia.

Na natureza, como se sabe, nada se perde; nada se cria; tudo se transforma.

Notemos primeiro que a energia pôde ser *potencial* ou *actual*, segundo representa um movimento em via de execução ou sómente a faculdade de o fazer nascer em certas condições.

No primeiro caso, acha-se em estado de *tensão*; no segundo, denomina-se *cinetica*.

Por exemplo, o oxygenio e o hydrogenio misturados em volumes na relação de 1 para 2, representam uma força ou energia chimica de *tensão*. Sob a influencia de uma fâsca electrica, se combinam e formam a agua, com desprendimento de calor: nesse momento, a energia de *tensão* se transforma em *actual* ou *cinetica*.

Os vegetaes transformam a força ou energia representada pela luz do sol em força chimica de *tensão*; os animaes transformam esta força de *tensão* em força viva.

No primeiro caso ha syntheses de materias, que se operam com absorpção de energia (reacções endothermicas); no segundo, se consomem materias, deixando em liberdade a sua energia (reacções exothermicas).

Uma mistura de *chloro* e *hydrogenio*, *seccos*, conserva-se indefinidamente na obscuridade; dirigindo-se, porém, sobre ella alguns raios de luz solar, produz-se immediatamente uma explosão.

A força, ou energia, que se propaga, transforma-se quando encontra um meio differente. Si depois, contudo, encontra um meio analogo ao do ponto de partida, reproduz-se, ou melhor, produz uma transformação *reversiva*. Assim, o trabalho mecanico se transforma em calor e vice-versa. Uma caloria (quantidade de calor necessaria para elevar a um grau a temperatura de um kilogramma d'agua) representa em energia mecanica 425 kilogrametros, isto é, a quantidade de energia necessaria para elevar 425 kilogrammas a um metro de altura. Portanto, o equivalente mecanico de uma caloria é 425 kilogrametros e *inversamente*.

Produce-se a electricidade pela fricção; inversamente: a electricidade produz fricção. O trabalho mecanico produz energia electrica; esta produz trabalho mecanico.

Uma acção chimica dá origem á luz; esta, por sua vez, produz uma acção chimica.

Similhantermente, se produzem a sensação, a emoção, a ideia, etc., sob a influencia de uma excitação physiologica, *interna* ou *externa*; inversamente, a ideia, a emoção, etc., se transformam em energia nervosa, muscular, physiologica.

O individuo A quer transmittir o seu pensamento a B. O pensamento se transfirma em acção physiologica e mecanica no aparelho da phonação; esta acção se transforma em sons articulados; estes em ondas sonoras; estas, encontrando o cerebro (meio analogo ao do ponto de partida) se transformam de novo em pensamentos — ideias, raciocinios, emoções, etc..

O tempo que gasta uma excitação nervosa para ser transmittida atravez de um nervo é, no homem, de 30 a 35 metros por segundo. Uma sensação, a luminosa, por exemplo, dura um tempo apreciavel — um oitavo de segundo. Segue-se que, si duas impressões luminosas são separadas por me-

nor intervalo, não se podem distinguir uma da outra.

É' por isso que uma haste incandescente de madeira, girando em torno de um ponto rapidamente, nos parece um circulo de fogo; os raios da roda de uma carruagem, que se move rapidamente, se nos apresentam como uma membrana ou um corpo opaco.

A excitação de um centro nervoso diminue, na proporção do tempo decorrido, a sua impressibilidade e a sua energia. Quando o enfraquecimento é determinado por uma acção moderada a operação se opera facilmente, graças aos materiaes que lhe são fornecidos pelo sangue; mas, si a excitação e a descarga nervosa são violentas, ou repetidas muito rapidamente, de tal modo se retarda a reparação, que acarreta uma incapacidade parcial, ou mesmo completa, do centro nervoso.

Uma pessoa que durante muitas horas supporta uma excitação nervosa, nota que cada vez menos ella produz impressão.

Si o centro nervoso já funciona com fraqueza e não é reparado pelo sangue ou pelo reponso, chega um momento em que a excitação, por exemplo, da pelle ou das narinas, só se manifesta por estremecimentos reflexos; chegará por fim á insensibilidade.

O mesmo facto se observa relativamente á sensação.

Uma pessoa que ouve os tiros de um canhão, nota que durante algum tempo depois, não percebe os sons que naturalmente se produziram no meio ambiente.

Quando a gente sai de um logar claro, fartamente illuminado pelos raios solares, pela luz do gaz ou pela luz electrica, e entra em um logar escuro, durante algum tempo não consegue distinguir os objectos que ali se acham.

Si se come uma certa quantidade de assucar, logo depois não é possivel sentir-se o gosto de uma substancia levemente assucarada.

Ora, si as sensações, como as excitações nervosas, duram um tempo apreciavel, desintegram os centros nervosos, se limitam e excluem; si as

sensações em sua forma fraca constituem as ideias; si as emoções se conformam ás leis geraes das sensações, por isso que variam com a qualidade e a quantidade do sangue, duram também um tempo apreciavel, occasionam incapacidade temporaria—qual a distincção entre a psychologia e a physiologia?

— Responderemos que a physiologia do systema nervoso estuda as suas funções em geral; a psychologia estuda as manifestações subjectivas das mudanças objectivas do systema nervoso, isto é, os estados de consciencia e as relações entre elles existentes. A physiologia tracta das relações internas—as do systema nervoso; as deste com o muscular; as dos nervos motores com os sensitivos, etc.; a psychologia tracta das relações internas ligadas ás relações externas. Em geral, a vida de cada organismo é uma continua adaptação de suas acções internas ás acções externas do meio ambiente e esta proposição é verdadeira mesmo quando se trata dos factos psychicos.

Mas, na biologia, quando se estuda um phenomeno, como, por exemplo, o da respiração, considera-se um facto tão constantemente ligado a um meio oxygenado, que o podemos abstrahir. Na psychologia, porém, o meio é constituido por condições tão variaveis e especiaes, que se torna impossivel comprehender o facto mais simples sem o considerar ligado ás acções externas. Em uma palavra: a psychologia deriva-se da physiologia como esta se deriva da biologia. Não existe distincção absoluta entre psychologia e physiologia, como não a podemos encontrar entre todas as sciencias. Em fundo, só ha uma sciencia e as divisões que nesta se fazem obedecem ás exigencias do methodo na aquisição dos conhecimentos.

ARTHUR BREVES.





# O ensino agrícola

IV

## Cultura da pereira

### 1.º — PROGRAMMA

GRAU INFERIOR. — Mostrar e denominar, em uma série de visitas ao jardim, as arvores fructíferas (pereira).

Vegetaes: a pereira

GRAU MÉDIO. — Estudar em algumas plantas (pereira desplantada) os principaes orgams do vegetal; explicações muito simples sobre as funções desses orgams. — Produções lenhosas e fructíferas. — Estacas e mergulhias. — Formação de um viveiro de sujeitos (1) para enxertos. — Escolha de pevides e caroços; cuidado que se lhes deve ter. — Preparo do terreno, adubos, sementeiras, cuidados da cultura.

GRAU SUPERIOR. — Funções da raiz, haste e folhas. — Papel da seiva. — Estudo pratico dos enxertos mais importantes. — Formação do fuso (3), pyramide, palmeta. — Poda das pereiras do jardim da escola.

### 2.º — MEIOS INTUITIVOS E EXERCÍCIOS PRATICOS

#### I — Arvore

GRAU INFERIOR. — *Pereira*. Arvore: raizes, haste, galhos. Fructos: peras. — Duração. Porte ou tamanho. — Meio: bosques, jardins e pomares.

GRAU MÉDIO. — *Pereira*: selvagem, cultivada (de semente ou enxertada). — Multiplicação natural: — grãos (pevides); conservação, extractificação. — Sementeira: sementeira, cuidados.

GRAU SUPERIOR. — *Pereira*. — Seu logar no jardim. Cultura em commum, nocivas: 1. — ás arvores (amanho, re-

- 1- Caminhoá — pag. 387.
- 2- Figueiredo — Manual de agricultura: «Columna».
- 3- Caminhoá — Botânica: — «Armação das arvores».
- 3- Não se refere particularmente aos «ladroes» ou ramos que formam as saias dos cafeeiros.

gas e esterco frescos applicados ás culturas visinhas); 2. — ás culturas; raiz das arvores; expansão aerea (privação de ar e luz); ramos inferiores (2) incommodos aos trabalhos.

Conclusão: isolamento das culturas fructíferas. — Distancia requerida; formas preferiveis (4).

#### II — Raiz

GRAU INFERIOR. — *Raiz*. Meio (terra). — Partes: cepa (5), raizes, radiculas, cabelleira. — Funções: fixa a arvore ao solo, della toma a agua e materias nutritivas. — Constituição, lenho, casca, ausencia de olhos.

GRAU MÉDIO. — *Raizes*: normaes (de sementes). — Adventicias.

*Marmeheiro* (6): — sujeitos fracos, destinados a servir de cavallo ás pereiras cujo desenvolvimento se quer restringir. — *Estacas*: simples; de talão (7). — Epoca; escolha; preparação, plantação; cuidados. — *Mergulhia*: cepas (8) para mergulhia; separação dos mergulhos. — *Transplantação*.

GRAU SUPERIOR. — *Raizes*: crescimento (coifa). — Papillas de absorpção; partes onde ellas se formam, seu renovamento.

*Plantação da pereira*. — 1. Preparação do solo; revolvimento, adubação da terra. 2. Poda das raizes. 3. Colocação no logar: orientação; profundidade; accommodação da raiz; introdução da terra na cova. 4. Cobertura de palha (9) e adubação superficial. — Est-roco para applicação, em seguimento. — Amanho e cuidados.

- 4- Caminhoá — Botânica: «Em quadrado ou quincuncio» — pag. 1226.
- 5- Caudex ou caudice; troço, porção subterranea dos caules aereos; raiz mestra. Caminhoá — 225 e 283.
- 6- Pirus — Manuel Pratique de Botanique. — Ed. Lambert — 141.
- 7- Figueiredo — pag. 69.
- 8- Parte do caule aereo, que se enterra. — Caminhoá, 283.
- 9- Para protecção «Pallis».

#### III — Haste

GRAU INFERIOR. — *Haste*: suporte dos galhos e outras partes: ramos, folhas, flôres, depois fructos; — conducto da seiva; direcção. — Ramos lenhosos «olhos»; fructif-ros «botões»; direcção. — Comparação com a raiz: olhos e medulla. — Collecções: lenho, cortico novo e velho.

GRAU MÉDIO. — *Tronco, galho e ramos*. — Latadas; expostas (1). Conhecimento, pela observação, das formas dadas á pereira. — *Latada*: palmeta, candelabro, U simples e duplo. — *Expostas*: cone dicto pyramide; espaldeira; fuso; *haut vent*.

*Produções do lenho*: — ramos e vergonteadas. — Cuidados para com o tronco e galhos; limpeza, caiação (2).

GRAU SUPERIOR. — *Seiva*: circulação. — Alburno e lenho adulto. — Zona de crescimento. — Poda par para a formação da copa (3). — Distribuição dos olhos na haste e ramos.

A. — *Latada e espaldeira*: poda; lagagem (4), equilibrio (incisões). — B. — pyramide e fuso: poda da haste e dos galhos.

Enxerto de borbulha: garfo (pés de 2 a 3 cm. de diametro); de corôa (pés mais grossos); lateral (ramos lenhosos falhos ou perdidos); de encosto (ramos lenhosos e tambem fructiferos e produções favoreciveis pelo affluxo da seiva).

Escolha e preparação da borbulha. Preparação do sujeito. Colocação do enxerto. Ligadura: betume (unguento de S. Fiacre) (5); mastica ou almacega.

- 1- «Plein vents». Talvez fosse melhor os nomes de «copa alta» e «copa baixa» usada por Figueiredo.
- 2- Em sentido generico; nem sempre a cal entra nesta operação. Além de contribuir para a limpeza ha quem acredite ser um bom fortificante do tronco.
- 3- «Charpante» — armação da arvore; copa. — Charguerand. — Traité des plantes d'alimentation et d'ornement. Pag. 76.
- 4- Palissage.
- 5- É uma mistura de estrume fresco com cinza. Tem por fim proteger a ferida aberta no sujeito, favorecer a sua cicatrização e mesmo contribuir para a alimentação do broto.

#### IV — Ramos

GRAU INFERIOR. — *Renovos, ramos*: olhos ou botões, lenhosos ou fructiferos. Produções sans (feridas ou estragadas, seccas, geladas). Conselhos.

GRAU MÉDIO. — *Produções fructíferas*: raminhos fructiferos, dardos, (6) bolsas (7) simples. Desenvolvimento. Formação dos raminhos e dardos sobre os galhos e ramos tractados para este fim. Bolsas compostas. Observações eventuaes de um sujeito doente, gelado, etc..

GRAU SUPERIOR. — *Produções fructíferas*: raminhos, dardos e bolsas. Alimentação pela seiva. Poda, para a produção de fructos, dos galhos e ramos lenhosos. Poda dos ramos duplos: 1.º anno — 2.º anno; — decotação dos botões prestes a florescer. Cuidados para com as bolsas compostas.

#### V — Folhas

GRAU INFERIOR. — *A folha*. Partes: peciolo, limbo. — Faces: superior, inferior. — Regiões: base, apice, bordos. — Forma: plana, oval. — Côr. Collecções. Desenho.

GRAU MÉDIO. — *A folha*. Nervação: tecido parenchimoso. — Funções: evaporação, transpiração, respiração, nutrição. — Pulgões, besouros, lagartas.

GRAU SUPERIOR. — *A folha*: estomas e camaras de ar. — Respiração e função chlorophylliana. — Transformação da seiva. — Olhos lenhosos que acompanham cada folha.

Enxerto de escudo (plantas de 2 annos, estaca de marmeheiro de 2 annos). — Escolha do escudo (olhos bem formados no meio dos ramos); levantamento do escudo. — Preparação do sujeito; colocação do escudo, ligadura.

Decote do sujeito; adaptação do broto contra o sujeito. Decote do sujeito sobre a inserção do escudo.

-6- Dards — Ramos capillares, curtos de 0,05 a 0,1 de comp. e ponteados. Figueiredo, pag. 99.

-7- Não é a bolsa ou volva dos cogumelos. Figueiredo assim a mostra: «... ao quarto anno engrossam (os galhos) consideravelmente na extremidade, forma-se um engorgitamento esponjoso, que toma o nome de bolsa que depois fructifica consecutivamente por muitos annos, pag. 278.



## VI — Flôres

GRAU INFERIOR — *Flôres*: botões fructíferos — *Flôr*: pedunculo. Fructo futuro. — Collecções: escolha e classificação das diversas produções já estudadas.

GRAU MEDIO. — *A flôr*. — Organs protectores: calice, corolla. Organs essenciaes: estames, pistillo (ovario, estigma).

Eslagartação ordenada para esta epocha. Bicha-cadella. — Herbario: organs supra-citados, separados.

GRAU SUPERIOR. — *Floração*. — Estações. Influencias meteorologicas: geada, vento, chuva, bochorno e secura.

Fecundação necessaria (fructos não fecundados). — Insectos mellivoros (transporte do pollen). — Cegagem (1) dos botões floraes (d'appel).

## VII — Fructos

GRAU INFERIOR. — *A pera*. — Gosto, qualidade, forma (pião, pitorra). Constituição. Fructo selvagem; fructo cultivado. Fructos maduros, fructos verdes; maturação. — Pilhagem — Conselhos hygienicos, economicos, moraes.

GRAU MEDIO. — *Colheita das peras*: pratica. — A pera. Partes: polpa ou carne, pevides. — Usos: peras para mesa, — peras para doces, — peras achatadas (seccas) Uvadas (compota) Perada (licor). — Provisões de pevides para a semeadura futura. — Estratificação. — Modelagem.

GRAU SUPERIOR. — *Colheita epocha*, horas do dia proprias para esta operação. — Fructeiro (logar onde se guarda): condicções de boa installação. — Arranjo. — Visitas. — Fructos estragados — Transporte dos fructos destinado ao consummo.

Segue-se uma lista de 21 plantas rusticas escolhidas de modo a se poder fazer experiencias na maior parte do anno.

VIII — *Molestias*. — *Plantas parasitas*. — *Inimigos*. — *Protectores*.

1 — Tôa, capação, despontar — Dr. C. Paz. Manual do Viticultor pag. 71.

## GRUPO RECAPITULATIVO

MOLESTIAS. — Causas: feridas, intemperies, má qualidade do sólo, estações desfavoravos, cultura em commum.

*Natureza*: ulceras, caries, cancos, ictericia ou chlorose, (remedio: sulfato de ferro), queimadura (dissecção da ponta do rebentos).

PLANTAS PARASITAS: — musgos, lichens, cogumélos.

INIMIGOS. — Mammiferos: coelhos, lebres (botões, renovos, casca); ratos, arganaz (ratos dos Alpes), ratinho (caseiro), rato campestre (fructos das latadas; ramos no inverno).

*Passaros*: raros (alguns fructos e botões). — Insectos: grillo, verme-branco (raizes), scolytos, aranha escura, kermes (casca) ralo, (brotos), besouros (melolontha), lagartas, verdinho, traça, pulgão (folha), bicha-cadella, thrips (flores) bespa, bispão, formiga (fructos).

PROTECTORES. — Passaros: picapau estorninho, fuinho, toutinegra dos jardins, toutinegra de cabeça preta, carriça de toupete, melharuco azul. — Insectos: carocha doirada, gafanhoto verde e coccinella.

Dando publicidade a estes programas, não tivemos em vista sinão minorar as naturaes difficuldades, que entre nós devem existir para sua constituição Arrogar-nos capazes de organizal-o, de acôrdo com as necessidades, seria mostrar-nos bastante ignorantes da materia que actualmente preoccupa o pensamento de todos quantos, nella, vêm o escudo onde se quebrarão os males que, de futuro, nos podem assaltar.

Quem se entregasse a um trabalho dessa natureza precisaria contar com uma dupla habilitação, que raramente se alberga em um mesmo individuo. Em o nosso meio, a pedagogia e a agricultura se encontram tão afastadas, tão divorciadas que, não obstante podermos contar com pessoal habilitado em os dois ramos, respectivamente, acreditamos, haverá algo de trabalhoso para se encontrar um homem dominando ambas ao mesmo

tempo e, ao confessarmos esta fraqueza, não poderemos ver depreciado o nivel intellectual que procuramos ostentar. O proprio Senado francez, em 1895, quando tomava conhecimento da marcha anormal que este ensino seguia, não se poudo dispensar do auxilio mutuo dos ministros da instrução e agricultura. Ambos, tomando parte na discussão, esforçavam-se de fórnar firmes os cunhos que deveriam assignalar o empenho de bem servir áquelles que depositaram sua confiança nas sua aptidões. De tal concurso nasceu, como era de esperar, um bello fructo sazonado que se traduzia na uniformisação do ensino pela harmonia de vistas.

Todo o programma organizado sem attenção a este duplo aspecto sendo incapaz de produzir os beneficios exigidos, viria accrescentar mais um peso á esalfante carga que as nossas creanças têm a supportar.

Haverá, talvez, quem, ao correr os olhos por estas linhas, tenha a ideia de estabelecer paralelo entre a nossa actual situação e a da propria França no momento em que resolveu introduzir esse melhoramento nas suas escolas. A esse poderíamos responder que ella não teve muitas difficuldades a vencer: quando organisou a sua instrução agricola, a cultura racional começava a desenvolver-se; dominava ainda em quasi todos os centros agricolas, fortemente, a cultura extensiva; os trabalhos executados em Roville (1) ainda não podiam ou não teriam tido tempo de se passarem ao dominio publico. Organizado o programma com os elementos disponíveis na epocha, os aperfeiçoamentos foram-n'o gradativamente penetrando e deu-se com elles o que se daria com um outro qualquer, cujos conhecimentos delineados não houvessem ainda attingido a um grau de relativo positivismo. Hoje elle é o resultado de uma série de elaborações lentas e pouco difficultosas.

Ao contrario de que se deu com a França, nós vamos apanhar esse ramo

de actividade, onde a theoria e a pratica exigem cuidados especiaes para o seu conhecimento, meio seculo depois, quando já elle alcançou um desenvolvimento que foi tanto mais rapido quanto mais fortes foram as necessidades do povo do Velho-Mundo; temos que dominar todo o seu evoluer, exercer a selecção, fazer a synthese e pedir auxilio á pedagogia moderna para entregar esse trabalho á escola e ter confiança nos resultados. Ainda mais, parece-nos que S. Paulo, do Brazil, é o unico Estado onde, de algum modo, já se pratica a cultura intensiva e os primeiros a tentar esse melhoramento ahi ainda estão para nos contar os tropeços, as horas de desanimo por que passaram.

A lucta não foi e não continua a ser pequena; o cultivador a si mesmo pergunta para que tanto trabalho e dispendio, si sem elle pode chegar aonde quer; desconhece elle que um hectare de terreno que nos pode dar hoje 7 a 12 hectolitros de trigo, no Norte da França, produz 36, 50 e até 55 hectolitros, com menos trabalho e pcor terra (2). Na Europa o homem cede mais facilmente: a exiguidade das terras a isso o obriga. A' excepção da Russia, onde ainda hoje é a cultura extensiva que domina, todos os mais têm que recorrer ao artificio para obrigar o solo a lhes dar o que necessitam.

Entre nós, porém, onde os terras são ferteis e abundantes, seria difficil conseguir-se esse resultado. Só a escola bem dotada, bem amparada pelos programmas de organização sadia e executados com segurança, poderia formar a nova geração de agricultores conscientes e modificar alguns dos velhos, menos rigidos ou mais assimilaveis e assimiladores.

Hoje, que já se está convencido de que a monocultura não dá resultados e é perigosa por motivo de crise, aproveitemos a occasião e introduza-

1 — Instituto agronomico] organizado por Matheu D. mbasle (1777-1848) o inventor da char na. Deixou diversas obras; em Nancy, sua terra natal, foi lhe erigida uma estatua, 1850.

2 — Comquanto não seja adepto da sua seita, usamos, aqui, os dados fornecido por Pierre Kropotkine em seu livro «La Conquête do pain», que por sua vez os apanhou em bons autore, que cita. Pag. 265, seg. ed. de 1895.



mos, de vez, a polycultura, methodica. Não sejamos precipitados fazendo leis que, amanhã, forçoso será revogar por não produzirem os resultados de sejados, sejamos calmos e reflectidos, levemos mais tempo para a realisação desse ideal e tenhamos sempre em mente que a pressa é inimiga da perfeição e mãe de todos aquelles filhos que Ruy Barbosa (1) houve por bem de procrear-lhe; só assim a obra será perfeita: mais vale tarde e bom, que cedo e mau.

O programma belga, considerado o « primus inter pares », é um modelo digno de ser copiado e seguido. E' preciso imprimir-lhe, entretanto, o cunho nacional, adaptal-o ao nosso meio, ás nossas necessidades. A divisão das zonas deve anteceder a adaptação ou organização do programma. Ha operações, entretanto, que, sendo communs a todas as culturas, poderão entrar indifferentemente em todos os programmaes. Em quanto se elabora e organisa o serviço com perfeição, provisoriamente, será acceptavel a introdução, nas escolas, do estudo dessas operações com o fito unico de as melhorar e fazer as creanças comecar a comprehender a differença entre as duas variedades de culturas.

### Jardins escolares

Para terminarmos esta série de artigos, daremos uma rapida idéa dos jardins escolares nos paizes da Europa, onde mais se tem curado do assumpto.

AUSTRIA (2): — Na exposição universal de 1900, em Pariz, o paiz que mais se distinguiu neste genero foi a Austria. O seu pavilhão, referente ás coisas do ensino consistia, quasi que exclusivamente, na reproducção, em Vincennes, dos *schulgartens* estabelecidos na Styria e Moravia, pela inspiração do principe Liechtenstein.

O jardim occupava, na exposição, uma arca de 40 x 30 m e tornou-se notavel pelas disposições favoraveis ao ensino agricola. Consta de

1 — «Pudera eu acrescentar que é mãe do tumulto, da incongruência, da irreflexão e do erro» R. Barbosa, — Projecto do Código Civil Brasileiro, replica" pag. 44.  
2 — E' do jury da exposição de 1900.  
3 — Rapports du Jury International. pg. 658.

duas partes, uma para meninos e outra para meninas. A's meninas cabe o cuidado para com as flores e legumes mais necessarios e communs; ao sul do paiz, além destes serviços, ellas apprendem a cultivar a amoreira. Os rapazes se occupam da cultura de cereaes, legumes, arvores fructíferas, vinhas, trabalhos de apicultura, etc. Em commun, fazem a cultura de hervas venenosas da região, de modo a se porem de sobreaviso. Como não satisfeitos de todo esse bem, a esposa do mestre-escola, á tarde, ao pé da fonte, entre as flôres, sob as fructeiras, ouvindo o chilrear da passarada que se despede do dia morrente, cerca-se de creancinhas da aldêa; serve-lhes de mãe amavel; as inicia no culto da bondade e recebe uma pequena remuneração por esse trabalho.

O dr. Erasmo Schwab, a quem pertence o jardim cuja reducção acabamos de ver, entendia que elles deviam ser divididos de modo a consagrar: 1) — uma parte ás plantas agricolas, cereaes e foragens, tendo-se o cuidado de escolher as sementes das que fossem melhores e mais productivas; 2) — outra ás plantas industriaes convenientes á região e ás que ahi se devem acclimar; 3) — uma outra para as applicações agricolas da physica e chimica, servindo para fazer apanhar ao vivo e por experiencias fideis, os phenomenos de physiologia vegetal e a acção dos diversos adubos; 4) — uma outra ainda, si possivel fosse, para a comparação dos processos praticos de agricultura, de novos aperfeiçoamentos, etc.. Neste jardim, que foi organiado sob a immediata fiscalisação de M. Lauche (3), director da escola superior de horticultura, em Eisgrub (4), os juizes da exposição notaram a falta de applicação de adubos e foram de opinião que se deviam elles limitar a culturas que exigissem menos cuidado.

2 — M. Lauche recebe, tres vezes por anno, os mestres para inicial-os no ensino pratico da horticultura, mediante pequena remuneração.  
3 — Cidade de Moravia "Austria", residencia do principe Liechtenstein.  
4 — Obra citada, pag. 75.

Na Austria a proporção de jardins, tomado como referencia o numero de escolas, era, em 1900, de 67 0/0, isto é, para 18747 escolas dispunha-se de 12620 jardins; em algumas provincias mesmo (Styria, 103 0/0 ou sejam 847 escolas para 874 jardins) o numero de jardins era superior ao de escolas.

FRANÇA (1): Na França, geralmente, se considera que não ha necessidade, para as demónstrações escolares, de mais de meio are de terreno. No plano de jardins, que temos á vista, a area indicada é de 12 x 6 m. para o desconto da superficie dada ás ruas. A sua entrada é na face menor (2); tem 1 metro de largura, correspondente ao 2º metro contado da direita para a esquerda; desta entrada parte uma rua com 5,5 que desembocca no grande quadrado central (5,5 x 4 m.); ahi se situam tres canteiros, dois pequenos occupados por flôres e um grande em ellipse. Os dois canteiros menores, afastados de 1 m. um do outro, têm uma face recta que continua a rua de entrada, com uma extensão de 1,5 e a outra curva acompanhando a da ellipse e della afastada 0,5 o que dá a altura de 1 m. de um lado para 0,5 do outro. A face esquerda da rua está, portanto, dividida nas seguintes partes: 5,5 (grande canteiro á esquerda), 1 m. (rua perpendicular), 1,5 (canteiro pequeno), 1 m. (comunicacão da rua de entrada com a que circunda a ellipse), 1,5 (2º canteiro pequeno), 0,5 (rua perpendicular que acompanha o canteiro do fundo) ou ao todo 11 m. O canteiro em fórma de ellipse occupa o espaço comprehendido entre um canteiro de 1 m. de largura, acompanhando todo o fundo do jardim e outro com 1 m. de largura por 4,5 de comprimento, fazendo uma curva parallela á da ellipse da qual ambos se acham afastados 0,5. Neste canteiro são cultivadas as plantas dos campos, representantes das diversas

familias (*labiadas, solanaceas, compositas, cruciferas, rosaceas, umbelliferas, etc*). O canteiro que occupa 1 metro de largura e 11 de comprimento, acompanhando a face direita do jardim e tendo á esquerda a rua de entrada, está dividido em 40 rectangulos onde são cultivadas as leguminosas e gramineas forrageiras, sendo as duas familias separadas por uma mouta de jaceia dos prados; em todas ellas estão as respectivas cti-quetas. O canteiro do fundo (1 x 6 m.) é occupado por arvores fructíferas e vinhedo. O canteiro que occupa 1 x 4,5 na face esquerda contém trepadeiras e plantas de folhagem. Ao lado esquerdo da entrada restam ainda 5,5 x 4 m. Contando-se sobre a rua de entrada o 1º metro (contém terra sem adubo) acompanhando a frente, é destinado ao estudo da composição dos prados (3); e 2º (adubo incompleto, falta azoto); o 3º (falta acido phosphorico) e o 4º (adubo completo) são occupados respectivamente por milho, tomate, batata, para os tres primeiros e morango, espinafre e alho para o 4º. O meio metro restante é occupado por vasos.

A meridiana, dirigida do fundo para a frente, fórma com a face direita um angulo approximado de 45º E.

CROÁTIA SLÁVONIA (4). Cada escola tem o seu jardim, onde, sob a direcção do mestre os alumnos tractam de familiarisar-se com a economia agricola, horticultura, arboricultura, viticultura, apicultura, etc.

Consideram elles que a escola primaria deve-se tornar, pelo exemplo e cultura dos jardins, a iniciadora dos progressos da agricultura.

Os mestres se têm dedicado de tal modo que, nos dez ultimos annos, distribuiram gratuitamente: 146431 arvores fructíferas, 81183 cépas de uva, 80963 amoreiras, 104835 cépas americanas e 2755 colmeias!

S. Paulo, Setembro de 1909.

JOSÉ A. AZEVEDO ANTUNES.

FIM

3 — Apezar desta boa referencia, o dic. Grégoire nota-a como atrazada em agricultura "ver Esclavonia".

4 — Para esta composição são usadas as formulas e sementes da casa Vilmorin, de Paris.

1 — Estas medidas foram feitas com auxilio da escala, na planta que possuo  
Com ellas não será muito difficil reconstruir-se o plano.  
2 — Paiz da Austria. Si bem que sup-  
porte o governo de Vienna, procura viver  
o mais independente possivel com os seus  
2200000 hab.



# Trabalho manual

## O ensino principal do futuro

O ensino do trabalho manual que já encontrou em grandes e altos círculos muitos adeptos cientistas que opinam para o seu lato desenvolvimento, já vai começando a ser difundido no nosso Estado.

E', pois, sabido, hoje, que o trabalho técnico é um dos factores fundamentais para o desenvolvimento intellectual, como o é o ensino historico da cultura; elle faz parte das Artes e o estudo destas deve caminhar a par do grande desenvolvimento das Sciencias e Letras.

Devemos pois tractar de elevar nas escolas, mais alto ainda, o estudo dos trabalhos manuaes.

Para isso são necessarios apenas apetrechos nas mãos e que no homem impere a força de vontade; então obteremos um dilatado exito na cultura intellectual — effeito da cultura pelos trabalhos manuaes.

Os apetrechos para esse trabalho não só vitalisam o corpo, desenvolvendo os musculos, como também o cerebro, pela educação adquirida pela vista, pois do trabalho das mãos em commum com estas, resulta para a creança uma educação inteiramente espiritual.

Como já dissemos, esse trabalho põe em continua actividade todos os orgams da creança, pelo que nenhum destes ficará atrophiado.

Essa actividade desperta-lhe o sentimento do trabalho; afasta-lhe as ideias pueris e vai lhe educando o espirito ainda infantil.

Adestra a mão; educa a vista e obriga a pensar, porque interpõe uma quantidade de sciencias praticas que só se encontram nessa disciplina.

E' sabido que a maioria das creanças que cursam as escolas primarias não proseguirá nos seus estudos para se dedicar aos misteres da vida pratica, almejando um officio qualquer.

Ora, estes já tendo adquirido amor

ao trabalho pelos estudos iniciaes dos trabalhos manuaes, não hesitarão em trabalhar para a grandeza da Patria.

A creança com o temperamento engenhoso aperfeiçoa o seu gosto.

Desde que conhecemos o grande valor desse ensino, pedagogicamente, porque não nos utilizamos delle? Si o mestre é obrigado a aprender, porque não obrigamos a ensinar-o, pondo essa disciplina no programma das escolas, especialmente, preliminares?

As despezas são poucas, pois começaremos apenas com argila, abundantemente espalhada por todos os cantos, uma thesoura, uma faca, um martello, poucos pregos, um pedaço de papel cartão ou um fragmento de lenho, tudo de facil conquista e nada mais precisa!

E' incrível que neste seculo pleno de luz, haja, em maioria, gente que não sabe sequer pregar um prego ou pegar em ferramentas desde as mais simples e usuaes, para operar um serviço insignificante, de alguns minutos e então é preciso chamar um official que lhe ganha alguns mil reis!

Devemos pois ensinar-o á nossa infancia que então será feliz, porque ao em vez de perambular pelas casas de diversões, muitas vezes prejudiciaes, se entreterá em casa com esses pequenos serviços engenhosos.

\*\*\*

Volvamos, por momentos, para as nossas aldeias e visitemos os casebres dos jornaleiros: ahi, onde abunda a madeira, onde o material abunda, não encontramos, muita vez, nem sequer uma tosquissima mesa ou um rude banco feito a machado!

Isso acontece, porque, na sua infancia, nem de leve tiveram as penumbras do estudo dos trabalhos manuaes; não é por indolencia, porque

os filhos dos nossos caipiras, tem amor por esse trabalho, como prova a execução de flechas, «bodoques» e mais brinquedos, artisticos mesmo, que fazem na sua infancia.

E, si não fazem esses trastes usuaes e caseiros, é porque lhes não ministraram os primeiros ensinamentos dos TRABALHOS MANUAES.

Na Europa, os grandes industriaes só acceitam discipulos que já tenham tido um curso, posto que elemental, desses trabalhos para o qual são mais propensos, perseverantes e engenhosos.

E, com pouquissima cousa, alcançaremos isso também, desde que ponhamos em pratica o estudo dos trabalhos manuaes.

E por que PRETERIL-O em curso preliminar?!

Si, quando por esse estudo podemos até ensinar a creança a ler, a escrever e a contar, tudo isso em poucas semanas, enquanto que pelos methodos adoptados levam mezes e mezes, como vamos provar, succintamente, em poucas palavras.

O professor faz por exemplo A, em barro e toda classe o fará.

Feito assim o alfabeto, será conhecido pelos alumnos em poucos exercicios, Apprenderão depois a ler, fornando as palavras com essas letras.

Identico exercicio pode ser feito com papel cortado a thesoura.

Claro é que o que se faz com as mãos, auxiliadas com a vista, difficilmente se esquecerá; isso é mais evidente, si tivermos em vista que o estudo conciso e profundo de Geogra-

phia só se adquire pela confecção propria de mappas.

Com Geographia, Physica e Arithmetica o mesmo podemos fazer.

Quanto a esta, por exemplo, o professor vai tractar de fracções.

Ordena que se faça uma esphera ou laranja.

Feito isso manda cortar-a em 2 partes, 3, 4, 6 ou mais, o que os alumnos farão, comprehendendo claramente que a esphera ou fructa foi dividida em meios, terços, quartos, sextos ou mais partes.

Assim sendo, sem o cansaço do professor, os alumnos demonstrarão um resultado espantoso. O professor, isempto de fadigas, não terá occasião de molestar os alumnos, como acontece muitas vezes, devido ao seu mau humor, surgindo como immediata consequencia o modo que as creanças adquirem de frequentar as escolas.

Ora, com este methodo não haverá possibilidade do mestre zangar-se e não haverá alumnos atrasados, pois que todos aprenderão igualmente, estudando com alegria e quasi que machinalmente.

Com este methodo, estamos certos de que a infancia terá amor pela escola, amizade aos mestres, e, nos seus estudos preliminares obterão rapido desenvolvimento.

E' preciso, pois, que adoptemos no programma das escolas preliminares, o estudo dos TRABALHOS MANUAES para que mais rapidamente se diffunda a luz sublime da Instrucção.

S. Paulo, setembro de 1909.

BRUNO ZWARG.

## Instrucção publica

### 6 Problema do Ensino

II

O problema da vida se vai tornando cada vez mais complicado e difficil. E' preciso, portanto, que cada um se prepare para esse fecundo combate do trabalho contra a miseria e o vicio, da intelligencia contra a rotina e os preconceitos.

E' uma lucta sem treguas e, não obstante, ha espaço para todos os corações alentados e terra para todos os braços avigorados pelo trabalho. Combate renhido e contudo sem uma gotta de sangue; onde não ha canhões, nem trincheiras, nem ambulancias; mas. sim o



suor que fecunda as charruas, as fabricas, as officinas, as escolas, os cursos profissionaes, os certamens da industria e o vapôr e a electricidade vinculando e unificando os povos! Não ha ahí o estrepito das guerras que destroem, nem o triumpho da força que aniquilla; é a batalha pacifica da civilisação em campo aberto a todos os esforços, a todas as energias. Estabelecer-se, pois, a verdadeira norma de conducta em todas as situações, em todas as circumstancias da vida, torna-se um facto de imprescindivel necessidade. O cuidado do corpo, da intelligencia, as coisas relativas ás finanças e ao bem estar, a educação da familia, o desempenho dos deveres de cidadão, a emulação, oriunda da propria natureza, o emprego espontaneo de nossas faculdades em proveito proprio e da sociedade em geral, são outras tantas questões que redundam em proveito da vida completa, em proveito da causa social. E' ahí que reside o *x* do problema, que incumbe á educação resolver. Habilitar-nos para a vida completa é, pois, o fim da educação; a questão posta em equação, se reduz, pois, a conhecer-se em que grau preenche ella esse fim. Não ha necessidade de um grande poder intellectual para se atinar com a maneira mais racional de reduzir a questão aos seus verdadeiros termos. Não é preciso pautar-se a norma de conducta a seguir pelos moldes de extranhas opiniões. É a natureza, a bella e sabia natureza mesma, cheia de encanto e de vida, a grande preceptora da humanidade, que nos dá os traços geraes do verdadeiro systema de educação. Alguem disse com muita propriedade, que, a natureza é a mestra do desenho. E nós affirmaremos tambem, secundando essa valiosa opinião, que a natureza é a verdadeira mestra da vida, a verdadeira mestra da sciencia, si não a propria sciencia.

Ao homem ella dá o exemplo.

Ouçamos, pois, os sens maviosos hymnos; ouçamos o ciciar de nossas brisas, o ribombar dos trovões, o bramir de nossas ondas, o rilinchar de nossos ginetes e os hymnos melodiosos de nossa passarada em festa! Contemplemos o cortejo dos astros que povôam os nossos ceos; apreciemos os perfumes de nossas flôres; admiremos os panoramas empolgantes de nossas riquissimas florestas;

desenvolvamos o nosso espirito de iniciativa propria; contribuamos com reaes vantagens para o progresso de nossa Terra!

Apresentar os quadros edificantes fornecidos pela natureza á curiosidade da infancia é o maior serviço que prestar se pôde á educação do povo.

Armazenar nos pequeninos cerebros das graciosas creancitas um sem numero de coisas indigestas, que recheiam esses livrecos inuteis que andam por ahí a infestar os nossos mercados, não é elevar o character, não é formar cidadãos aptos para a lucta da vida.

O livro é o mestre.

O mestre deve assimilar muito e transmitir bem pouco.

O homem mais util não é o que muito sabe e sim o que maior somma de conhecimentos digere.

A facultade presente só poderemos adquirir de primeira mão, ouvindo a voz de um carinhoso educadôr, de um mestre que saiba dar aos encantos da natureza o seu verdadeiro valôr.

Os livros são telegraphos sem fio: elles contribuem de modo lastimavel para o insuccesso do ensino. O abuso do livro, entretanto, campeia impunemente em todos os departamentos do ensino publico e muito especialmente do privado. Professôres ha que se limitam a fazer reproduzir, textualmente o que o livro diz. Ha-os tambem que consomem o tempo, o precioso tempo, em dictados de bugigangas que outro prestimo não têm que o de contribuir para abastadar as facultades intellectuacs da infancia.

Urge, portanto, procurar novo rumo, capaz de levantar o nivel intellectual do povo, capaz de restaurar a força do character tão amesquinhado entre nós.

Tem-se feito muito e muito, em materia de instrucção; mas, tudo e tudo ainda deixa muita coisa a desejar.

Spencer é quem está ainda com a razão: façamos delle a nossa bandeira de combate.

LUIZ CARDOSO



## PEDAGOGIA PRATICA



## Paginas Civicas

(João Köpke — A GRANDE PATRIA)

(Para dialogo nas escolas primarias)

### VII

—Sabes, vovô, que já estou muito longe do Ypiranga?

—Sim?

—Sim. Estou no Palacio de Cintra, em Portugal, e em 1667.

—E como podeste fazer tão grande travessia?

—Graças ao papai e ao dr. Amaral.

—Com tão bom auxilio, já me não pasma. E que te pareceu esse Castello de Cintra?

—Maravilhoso, e Cintra um paraíso. Lá me mostraram, num quarto, o pavimento desbastado como pelo attricto de passos continuos. Dizem que o infeliz d. Affonso VI o gastou á força de passear de um lado para outro nessa prisão, em que o metteram.

—E' verdade. E nós, Brasileiros, não podemos sinão ser-lhe gratos, porque, no seu govêrno, bem certo, attendeu ás queixas, que havia contra a Companhia do Commercio e converteu-a numa Juncta, que procurou melhorar.

—Que Companhia de Commercio era essa?

—A Companhia Geral do Commercio, creada por d. João IV, seu pai, em 1649; companhia que devia prestar grandes serviços, mas que gosava de extraordinarios privilegios, tendo o monopolio dos generos de primeira necessidade.

—Que é monopolio?

Só ella podia trazer para o Brazil, e levar do Brazil, os generos importados e exportados. Entre outras obrigações, tinha, porém, a de mandar duas frotas annualmente para auxi-

liar a expulsão dos Holandezes. Ora, quem tem um monopolio quasi sempre abusa d'elle para enriquecer de pressa: foi o que se deu com esta Companhia e foi o que deu causa á sua suppressão.

—Ah, sim!... A revolta de Bequimão, coitado! O dr. Amaral já me fallou nella. Mas tu disseste agora que a Companhia tinha tambem a obrigação de auxiliar a expulsão dos Holandezes. Que Holandezes?

—Os que se haviam apoderado de uma parte do Brazil.

—Quando?

—De 1624 a 1654.

—No reinado de d. João IV? (1)

—Antes e durante elle.

—E porque foi que elle consentiu?

—Porque o não poude impedir, meu caro. Portugal, em 1581, tinha sido conquistado pela Hespanha. O Brazil, que era sua colonia, passou a pertencer a esta e foi governado por Philippe II, III e IV. Hollanda e Hespanha eram inimigas. Sendo mais difficil á Hespanha defender as colonias do que o seu proprio territorio, os Holandezes escolheram entre aquellas, o Brazil para ponto de ataque.

—E foram bem succedidos?

—A expedição de 1624 apoderou-se da Bahia a 10 de maio (2), occupando-a até 1 do mesmo mez no anno seguinte, data em que se retiraram os Holandezes, tendo capitulado di-

—1— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 92.

—2— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 16.



ante do cerco pôsto pelas forças de terra e mar.

—E atreveram-se a nova tentativa, depois dessa licção?

—Atacaram, em março do anno seguinte, o Espirito Sancto, onde não tiveram melhor sorte. Em 1627 e 1628 ainda o almirante Pieter Heyn entrou na Bahia e apresou varios navios mercantes. Porém, a sua grande expedição, a que alcançou firmar o seu dominio em terras brasileiras, foi a de 1630.

—E firmou-o mesmo?

—Durante 24 annos, como te disse ha pouco. O ponto escolhido foi Pernambuco. A 14 de fevereiro appareceu diante do Recife uma esquadra de mais de setenta navios (1), rompendo fogo no dia seguinte contra a cidade, que só se rendeu a 1 de março. No dia 16 tomaram tambem Olinda. Mathias de Albuquerque, que era, nessa época, o governadôr, vendo que não poderia travar batalha com os invasôres, que sobrepujavam muito em numero os seus, formou um campo militar — a que chamaram o Arraial do Bom Jesus — entre as duas povoações — e principiou a hostilisação com guerrilhas, feitas por *companhias de emboscada*, capitaneadas pelo indio Poty, mais conhecido por Camarão. Essas companhias causaram aos Holandezes muitas perdas.

—Bem feito. Quem lhes mandou virem conquistar a terra dos outros?

—No anno seguinte, 1631, uma esquadra mandada da Hespanha e outra da Hollanda travaram batalha, que não deu victoria a nenhuma das partes. A esquadra hespanhola, entretanto, desembarcou, em Pernambuco, setecentos homens, commandados pelo conde de Bagnuolo, e os Holandezes, pensando que eram muitos mais, incendiaram Olinda e junctaram todas as suas forças no Recife. Atacando, então, a Parahyba e o Rio Grande do Norte até ao Cabo de Santo Agostinho...

—Sei. Alli está elle no mappa.

—Foram repellidos. Passando, po-

rém, para o lado delles o brasileiro Domingos Fernandes Calabar, que conhecia palmo a palmo o terreno, atacaram e apoderaram-se, de 1632 a 1654, de varios pontos, que desejaram.

(1).

—Esse Calabar foi um trahidôr.

—Não sei, Alvaro. Essa palavra é dura, e quem sabe quaes foram as intenções, que inspiraram aquelle nosso compatriota? Eu não sei si nós mais teriamos a ganhar com o dominio hollandez do que com o portuguez, e não posso pois accusar de perfidia a Calabar. Ha muita gente que pensa que teria sido uma felicidade para o Brazil ter sido conquistado pelos Holandezes. Chamarás a esses trahidôres?

—Mas Calabar pensava assim?

—Si pensava e andava errado, é antes um inepto do que um trahidôr. Que lucro ha em envilecer a sua memoria?

—E a Hespanha, porque não mandava mais recursos em favor da colonia?

—Porque estava abarbada com guerras na Europa e não podia d'ahi desviar forças. Vendo isso, Mathias de Albuquerque resolveu retirar-se para as Alagôas com todos os Brasileiros, que se não queriam sujeitar aos Holandezes.

—Ahi está uma cousa bem feita, não é?

—No caminho, sahiu ao encontro dos retirantes, perto de Porto-Calvo, Calabar com forças holandezas, mas foi destroçado, preso e enforcado. Chegando ás Alagôas, foi Mathias de Albuquerque substituido por d. Luiz de Rojas e Borja, que trouxe da Hespanha mil e setecentos homens. Essas forças foram completamente batidas em Janeiro de 1636 e, seu chefe, morto. Tomou, então, o commando, o conde de Bagnuolo e outra vez se valen das guerrilhas, em que muito se distinguiram Camarão e o negro Henrique Dias.

—Os indios e os negros ajudando os brancos, que lhes fizeram tanto mal!

—E é d'essas tres raças, cada uma com as suas virtudes peculiares, que se tem formado o povo brasileiro. Mas, em 1637, chegou ao Recife João Mauricio de Nassau, (1) nomeado governadôr do Brazil hollandez, que entrou logo em actividade. Batendo o conde de Bagnuolo, levou a conquista até ao Rio de São Francisco, em cuja foz construiu um forte, que se denominou Mauricio, e d'onde voltou ao Recife para cuidar de organizar a colonia. Homem de muito talento e ideias adiantadas, procurou tornar o dominio hollandez mais supportavel aos Brasileiros, e fez prosperar extraordinariamente o paiz.

—Quasi, então, que a gente tem vontade de applaudir o Calabar.

—Ah, já vês que foste facil, ainda ha pouco, em castigar-o com a qualificação de trahidôr.

—E a Hespanha, vendo acontecer tudo isso, ainda continuava sem fazer nada?

—Quasi nada. Em 1739, porém, enviou uma esquadra sob o mando do conde da Torre. Este, junctando reforços na Bahia, sahiu á procura da esquadra hollandeza, e, encontrando-a defronte da Parahyba a 12 de janeiro de 1640, empenhou combate com ella durante tres dias e foi derrotado.

—Além de demorados, caipóras, vô!

—Veiu substituir ao conde da Torre, o marquez de Montalvão, com o titulo de *vice-rei e capitão general de mar e terra, empreza e restauração do Brazil*...

—Si trazia auxilio tão grande como o titulo, aposto que os holandezes embarcariam apressados.

—Estás para gracejos!... Mas voltando ao serio, verás que, infelizmente, ainda esse embarque se demorou muito. E' o caso que, no anno em que o marquez chegou, Portugal se revoltou contra a Hespanha; d'ella se separou e acclamou rei d. João IV, que foi o chefe de dynastia de Bragança.

—Sim, sim... Lembra-me ter lido

que foi nessa occasião que alguns paulistas quizeram acclamar um rei em S. Paulo, e que o rei fugiu d'elles e foi se asyлар num convento.

—Justamente. E o acclamado, o homem que fugiu á corôa, foi Amadôr Bueno da Ribeira.

Isso, entretanto, pensam alguns foi promovido pelos Hespanhóes que, vendo o Brazil escapar á Hespanha, estimariam vêr tambem perdel-o Portugal.

—Mas Portugal separando-se da Hespanha, então os Holandezes deviam abandonar o Brazil...

—Porque, meu caro, porque?

—Sim, mas os conquistadôres não se regulam pela logica das crianças, meu Alvaro; e, si Portugal se via com a Hespanha alli á sua ilharga, o que é que poderia exigir da Hollanda? D. João IV fez, é verdade, a sua reclamação; porém, não sendo attendido, alliou-se com a Hollanda contra a Hespanha, e combinou novo armistício de dez annos nas colonias.

—O que vem a ser *armistício*?

—E' a suspensão da guerra. Durante dez annos, os holandezes e os portuguezes não poderiam guerrear no Brazil.

—Quer dizer que os Holandezes teriam tempo de arranjar muito bem a sua colonia no Brazil, não é? E os brasileiros sujeitaram-se a isso?

—Nem os Brasileiros nem os Holandezes.

—E' curioso! Os Holandezes eram, então, difficeis de contentar.

—Os Holandezes não se sujeitaram ao armistício, porque não sendo o tractado, que o estabeleceu, assignado logo, aproveitaram-se elles da demora e conquistaram mais Sergipe e o Maranhão. Os Brasileiros, porque o novo governadôr Antonio Telles da Silva, recommendando sempre que se respeitasse o armistício, occultamente favoreciam a revolta contra os Holandezes.

—Vê-se bem que uns e outros sabiam fazer jogo.

—O resultado da partida dependia d'isso, meu caro. O caso é que, em 1644 foram os Holandezes expulsos do Maranhão; João Mauricio de Nassau demittiu-se por estar em desacôr-

—1— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 18.

—1— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 20.

—5— «Galeria de historia brasileira», ed. Garnier, pag. 22.



do com os seus patricios quanto ao modo de governar; e André Vidal de Negreiros foi de Pernambuco á Bahia preparando uma conspiração. em que figuraram João Fernandes Vieira, Antonio Dias Cardoso, Antonio Cavalcanti, Henrique Dias e Philippe Camarão. A revolta deveria, segundo o acôrdo, rebentar a 24 de junho de 1645, mas dois portuguezes e cinco judeus deram denuncia d'ella, e os conjurados, julgando que não deviam perder tempo, levantaram o grito de guerra a 13 de junho.

—Porque é que não ha conspiração sem trahidôres, vovô?

—Quasi que não é sem razão o teu reparo. Declarada, porém, a revolta, as forças hollandezas sómente a 3 de agosto se encontraram com as dos Independentes, que assim ficaram chamadas as que contra ellas operaram. Foi no Monte das Taboas o encontro. Ahí, mal armados e mal disciplinados, mil homens bateram, na defesa de sua terra, oitocentos de tropas regulares, obrigando-os á retirada. Logo depois tomaram a *Casa Forte*, engenho conhecido por esse nome, o cabo de Santo Agostinho, Porto Calvo e Olinda. Repellidos de Itamaracá pelos Hollandezes, fundaram um novo campo militar do Bom Jesus, e ahí, em outubro, aclamaram como governador a João Fernandes Vieira.

—E a gente da Hollanda era como a de Hespanha, que não acudia aos seus?

—Não; em 1646 veiu da Hollanda, com grandes reforços, Segismundo van Schkoppe; atacou duas vezes Olinda, que o repelliu, e conduziu a Itaparica uma frota de 40 navios, desembarcando e mandando d'ahí deprender a Bahia. Tendo vencido Francisco Rebello, que viera atacal-o, abandonou a ilha sem demora para acudir a um chamado do Recife.

—E Portugal e a Hollanda não viam desrespeitar o armistício, vovô?

—Viam. A Hollanda reclamava e Portugal fingia attender. E' claro, entretanto, que a Hollanda tanto mais reclamaria quanto mais derrotas soffresse os seus. E a verdade é que tanto reclamou que Portugal se viu obrigado a ordenar a Antonio Telles

que desarmasse os Independentes.

—Faço ideia com que dôr de coração esses patriotas depuzeram as suas armas, vovô!

—Depuzeram!? Qual o que, meu filho: declararam que *«desobedeciam ao rei e que iriam receber o castigo depois que expulsassem de suas terras os estrangeiros invasôres»*.

—Ora ahí está uma resposta bonita!

—E o que dirás tu do acto de Vidal de Negreiros, que, não consentindo que incendiassem os canaviaes, que Telles da Silva tinha mandado queimar para prejuizo dos Hollandezes, incendiou os da fazenda de seu pai para não pensarem que elle se oppunha porque a medida lhe trazia prejuizos?

—Sei, sei! Ha um quadro na Academia de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, representando essa scena. Isso é para compensar a traição dos outros, não é, vovô?

—Mas ouve o resto da gloriosa campanha dos Independentes. D. João IV procurava contentar a Hollanda, dando-lhe aquella satisfação; mas, sem embargo d'isso, mandava aos Pernambucanos um chefe. Esse, o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes, cahindo nas mãos dos Hollandezes quando se approximava do desembarque, conseguiu fugir-lhes e chegar ao novo arraial do Bom Jesus em janeiro de 1648. A 19 de abril, Hollandezes e Independentes encontraram-se a tres leguas do Recife entre os montes Guararapes e as aguas das Corcoranas. Ahí, mais uma vez, a victoria coube aos Independentes, que, todavia, nesse mesmo anno soffreram o revez da perda do valente Camarão, morto de febre no acampamento, e substituído por seu sobrinho d. Diogo Pinheiro Camarão.

—Dom Diogo? Então essa familia de Indios tinha titulo de fidalguia?

—Sim, em recompensa dos seus serviços, havia Camarão recebido do govêrno portuguez os fóros de fidalgo.

—A victoria dos Guararapes havia de animar muito os Independentes.

—E desanimar os Hollandezes. Aparentados, com effeito, no Recife esforçavam-se estes por travar uma bata-

lha, e, a 19 de fevereiro da 1649, nos mesmos montes Guararapes, empenharam-se um novo combate. Era claro que o fim do dominio hollandez se approximava: a sorte, outra vez, lhes foi desfavoravel. A creção de uma companhia de Commercio, aquella que, como te has de lembrar, d. Affonso VI se viu na necessidade de supprimir, e a declaração de guerra feita pela Inglaterra á Hollanda, ainda mais vieram apressar a sua extincção.

—E já era bem tempo, vovô. Que paciência e que heroismo o dos Independentes!

—Em 1650 a primeira esquadra da Companhia do Commercio desembarcou reforços para os Independentes; outras se lhe seguiram, e, finalmente, em 1653, veiu uma de sessenta navios ao mando do visconde da Fonte-Arcada, que fechou o sitio do Recife por mar.

—Agora, Hollandezes! Agora vamos vêr por onde vocês escapam.

—Os fortes, que defendiam a cidade, sitiados completamente, foram-se rendendo um atraz do outro, até sómente restar ao inimigo o das Cinco Pontas. Este mesmo, assaltado por André Vidal de Negreiros, capitulou, e, a 26 de janeiro de 1654, assignou-se na Campina de Taborda, diante desse baluarte, um acôrdo pelo qual os Hollandezes abandonavam o Brazil.

—Vivam os Independentes, vovô! Ch... ch... pum!... pum!... Ch... ch... pum! Taratchim, taratchim taratchim tehim... taratchim taratchim taratchim t ratchim!

—A 27, João Fernandes Vieira e os outros chefes tomaram posse do Recife, e a 28 ahí entrou o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes. O acôrdo da Campina de Taborda

foi, depois, em 1661, approved por d. Affonso VI, recebendo os Hollandezes, como indemnização do que entregaram, cinco milhões de cruzados e todas as peças, que tivessem as armas da Hollanda.

—Mas isso, vovô, não devia ser. Quem é que tinha culpa de que elles tivessem vindo para uma terra, que não era sua, e de que fossem derrotados? Foi como depois da Independência; puzemos fóra os Portuguezes por uma guerra, em que elles não nos poderam vencer, e ainda por cima tivemos de pagar-lhes dois milhões de libras! Assim quasi que vale mais a pena ser derrotado!

—Realmente, Alvaro, a quem vence é duro pagar despezas de que não é culpado; antes lhe assiste o direito de ser indemnizado por aquelles, a que o obrigaram. Mas eu vou te contando a historia *como ella foi*. Diverte-te agora, examinando isto. Aqui tens a batalha dos Guararapes, pintada por Victor Meirelles (1). E na historia de Porto Seguro, acharás uma estampa, que te dará ideia do Recife no tempo hollandez.

—Obrigado, vovô; examinarei com attenção esses quadros. Parece-me que hei de vêr povoados esses lugares pelo vulto dos heróes, que não descausaram, enquanto o estrangeiro pisou, como Senhor, a nossa Patria nascente!

—E toma lá um abraço pelo fecho, que só o sentimento de nacionalidade, que a historia da patria acôrda, pôde inspirar na tua idade!... Upal... Bem apertado.

—1— «Ga'eria de historia brasileira,» ed. Garnier, pag. 24.





# Cartographia

I

## Noções sobre Escalas

Geographia é a descripção da superfície da Terra. A superfície da Terra divide-se em tres quartos de agua e um de terra propriamente dicta. Esta divide-se em cinco partes: Europa, Asia, Africa, America e Oceania. Estas partes contam continentes, ilhas, montanhas, cabos, peninsulas, etc., rios, lagos, etc. As aguas salgadas formam cinco oceanos: o grande oceano Pacifico, o oceano Atlantico, o Arctico, o Antartico e o Indico. Os oceanos formam mares, golfos, estreitos, bahias, etc..

A Terra é espherica.

Ella póde ser representada de tres maneiras differentes: 1.º por meio do «mappa-mundi»; 2.º pelo plano espherico; 3.º pelas cartas geographicas. Um ou mais paizes ou estados podem ser representados pelas cartas chorographicas. As cartas topographicas servem para representar um municipio ou uma localidade qualquer. Uma cidade, um terreno cu uma casa póde ser representada por uma planta.

Um terreno pode ser representado em tamanho muito menor. Assim, um terreno que tenha dez metros de frente por cincenta de fundo póde ser representado por um rectangulo cem vezes menor e teremos a escala de 1 por 100. Uma folha de louro pó-

de ser desenhada em tamanho natural, superior ou inferior. Assim temos: 1/1; 2/1; 1/2. Para facilidade de calculo nas plantas toma-se por base da escala o centimetro, ou o millimetro, que se considera como valendo um metro.

A escala, que é a relação entre o terreno e a planta, será então de 1:100 1:1000. E, na primeira hypothese, o terreno de dez metros de largura por cincoenta de fundos, será representado por um rectangulo de um decimetro de largura por cinco de comprimento o que equivale a 0m,10 por 0m,50.

A base da escala cartographica é o millimetro. No mappa do Estado de S. Paulo, cuja linha E. O. tenha 1 metro, considera-se o millimetro valendo 1 kilometro. E' o caso da escala de 1 para 1000000. A carta do Brazil, cuja linha E. O. tenha 1m,50, cada millimetro na carta valerá 3 kilometros no territorio.

A escala será pois de . . . . . 1:3000000. Pela escala poderemos, pois, avaliar a superfície de qualquer estado do Brazil. E conhecida a superfície e a densidade poderemos calcular a população dos mesmos. A superfície de São Paulo corresponde a de dois trapezios: o primeiro com a base superior de 0m,4; a

inferior de 0m,8 e a altura de 0m,3; donde: A. t. —  $\left(\frac{0m,44 \cdot 0m,8}{2}\right) + 0,3$  ou  $0m,6 + 0m,3 - 0m,2,18$  ou  $0m2,180000$ , o que no territorio equivale a 180000 kilometros quadrados; o segundo com a base superior de 0m,5 e a inferior de 0m,1 e a altura de 0m,2; donde: A. t. —  $\left(\frac{0m,6 \cdot 0m,1}{2}\right) \times 0m,2 - 0m2,07$  ou  $0m,070\ 000$ ; o que no territorio produz. . . . 70000 kilometros quadrados, ou seja um total de 250000 kilometros quadrados para todo o

Estado. Si tomassemos para base do mappa uma linha de um decimetro, necessariamente cada millimetro na carta representaria dez kilometros na superfície do Estado. Na carta de 2 deizmetros cada millimetro vale 5 kilometros. Nos mappas do Brazil de 1 por 25000000, cada millimetro no mappa vale 25 kilometros no territorio.

S. Paulo, setembro de 1909.

LUIZ CARDOSO.

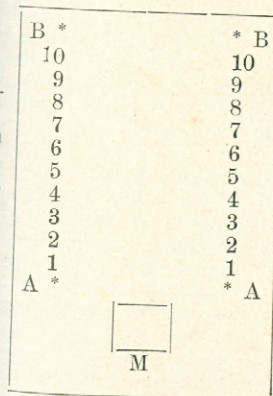


## JOGOS ESCOLARES

Disposição

Corrida em fila

Cada grupo forma uma fila, a um de fundo, isto é, uns atrás dos outros, collocados a um metro de distancia, na forma indicada pelo quadro juncto, estando os alumnos numerados.



As duas filas devem guardar um intervalo, pelo menos, de tres metros.

A, A' e B, B', para assignalar os limites do campo de cada grupo.

A professora se colloca entre as duas filas, no ponto M e terá em cada mão, com os braços extendidos em cruz, uma bandeirola ou qualquer objecto apropriado.

### Regras do Jogo.

A professora designa o numero 5, por exemplo.

As duas corredoras que têm esse numero, correm até a mestra passando pelo interior das filas; tomam as bandeirolas, que esta lhes offerece; seguem a corrida pelo exterior do campo, contornando o ponto A e A', e voltam pelo interior, depois de ter contornado os postes B e B', respectivamente, até reentregarem as bandeirolas á professora.

As que chegarem primeiro marcarão um ponto para seu grupo.

Outro numero é indicado immediatamente pela mestra: sejam as de numero 8.

Nas extremidades de cada fila, se collocam *postes* ou qualquer marco



As meninas dos dois grupos, que têm o numero 8, correm como as anteriores.

Cada partido conta, em vez alta, o numero de pontos que fôrem fazendo as suas corredôras.

Si as duas corredôras chegam ao mesmo tempo, o numero de pontos não se apura.

O jogo termina quando todas as meninas tenham corrido.

Ganhará o grupo que fizer mais ponto.

Poderá uma fila chamar-se azul e outra, vermelha.

### Corrida em zig-zag.

#### Disposições.

Em cada campo as alumnas se dispõem em zig-zag e com seu numero de ordem.

Seus lugares se assignalam no solo, com cinco metros, no minimo, de distancia entre os mais proximos.

1	3	5
2	4	6

O numero de cada lado leva uma pequena bandeira (ou lenço).

Regras: — Ao signal de um apito, dado pela professora, o numero 1 corre até o numero 2 e lhe entrega a bandeira.

1	3	5
2	4	6

O 2 recebe a no seu posto e corre até o 3, este até o 4, etc..

Depois de haver corrido, cada alumna fica em o lugar da que acaba de sair.

O ultimo numero ficará no lugar do numero 1, que está vazio.

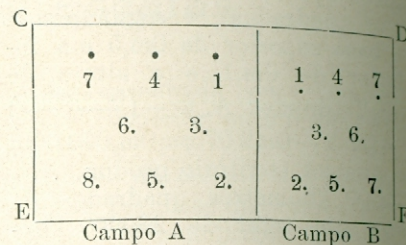
A primeira volta é ganha pelo lado cujo ultimo numero chega primeiro ao lugar do numero 1 de seu lado.

Pôde-se estabelecer que a corrida só será ganha depois de duas ou tres voltas completas.

Variantes. — Corre-se em uma só perna, ou em saltos sobre os dois pés, ou andando sómente.

## La longue paume

(Tradução de d. Adelia Pinatel)



1.º — *Campo*. — O terreno reservado aos jogadores deve ser plano, semervas; chama-se *campo*.

O comprimento varia entre 70 e 80 metros; a largura deve ter de 12 a 15 metros, isto é, mais ou menos  $\frac{1}{5}$  do comprimento. O campo está limitado nas extremidades e nos lados por uma borda de grama ou por um régio. A superfície é dividida em duas partes desiguales, das quaes uma é o dobro da outra. Ellas estão separadas por um cordel de côr ou por um régio, chamado *corda*. Em cada canto do terreno CDEF, ha postes chamados *rapports*. Estes postes, que podem ter de 6 a 8 metros, servem para limitar o jôgo.

2.º — *Posição dos jogadores*. — Os jogadores dividem-se em dois campos — A e B. Cada um delles se compõe de 8 jogadores distribuidos na seguinte ordem: os do campo A, que occupam os numeros 1 a 2, estão collocados de cada lado e bastante perto da corda; o numero 1 tem o cuidado de approximar-se bastante da linha CD afim de não deixar espaço que permita facilmente a passagem da bola. Pelo contrario, o n.º 2 entra mais no jôgo. Esta ordem se explica pela tendencia natural do atirador em jogar a bola á sua direita, isto é, para a esquerda do campo A. Estes dois jogadores são geralmente os mais fracos, os aprendizes; elles tomam o nome de *cordiers*, porque ficam perto da corda. O n.º 3 acha-se no meio do jôgo e um pouco atraz dos dois *cordiers*:

elle tem o nome de *centro* (da corda). Este jogador deve ser agil, capaz de evitar os golpes, que seu adversario lhe atira nas pernas ou deter a bol.) quando role por terra. Atraz e sobre o prolongamento dos dois *cordiers* ha dois outros jogadores que compõem *la basse volée*. O jogador, que occupa o n.º 4, na figura, occupa o melhor lugar do jôgo; é ahi que apparecem muitos golpes e dos mais difficeis; tambem o jogador escolhido para esse logar deve ser dos mais habéis e ageitados. O commandante do campo, o *campeão*, ou então *foncier* como é vulgarmente designado, colloca-se no n.º 6, sobre o prolongamento do *centro* (da corda); é geralmente o mais destro dos jogadores e é delle e do n.º 5 que depende o exito da partida. O *campeão* tem atraz de si dois outros jogadores, 7 e 8, que compõem *la haute volée*; ahi só chegam os golpes perdidos, que os outros jogadores não puderam evitar.

Do outro lado, no campo B, os jogadores estão collocados do mesmo modo; entretanto ha uma observação a fazer: aquelle que atira a bola, o *atirador*, occupa o lugar correspondente ao *campeão* do campo opposto (vêr fig.)

Ha um jogador do qual não fallamos; é o *marcadôr*. Elle está encarregado de fixar uma flecha sobre o alinhamento, de frente do lugar onde a bola pára; em outros termos, é o que indica as *jogadas* estabelecidas, das quaes fallaremos adiante. Elle usa de dois tentos de 1.m 50 mais ou menos, furados na parte superior, com um certo numero de orificios destinados a marcar o jôgo com uma cravelha.

Em muitos logares usam-se de pequenas hastes de ferro de 0m, 20 com uma borla de lã vermelha, branca ou azul. Porém com estas hastes não se pôde indicar o numero de jogos ganhos em ambos os campos. De um lado ellas apresentam uma vantagem sobre os tentos de madeira.

Com estes se é forçado, visto seu comprimento, a fixal-os perpendicularmente, no solo, ao longo do limite do jôgo e de frente do lugar onde darou a bola; tambem o *marcadôr*

que não toma cuidado pôde pôr a *jogada* ora muito alto, ora muito baixo o que causa contestações. Com os outros marcam se melhor as *jogadas* no lugar mesmo onde a bola parou; não se incommodam os jogadores e se evitam enganar.

3.º — *Material necessario*. — O material necessario é diverso segundo os jogos. Para o jôgo de bola é preciso uma pelleta de 0m, 07 de diametro feita de lã e coberta de couro. O jôgo de peneira necessita uma peneira de seda, bolas muito duras que custam bastante caro e luvas de couro duro.

Para o jôgo da pélla se usa de uma bexiga coberta de couro que se enche no momento de jogar. No jôgo da pélla *commum* a bola é de cortiça; suas dimensões são um pouco maiores que as da pelleta. Os jogadores usam de uma *raqueta* para atirar a bola. Esta *raqueta*, não é mais que um quadro de madeira guardado de grades de corda de forma oval, provido de um cabo comprido.

Tal é o material dos diversos jogos da pélla.

4.º — *Regras*. — As regras do jôgo são sensivelmente as mesmas para todos os jogos da pélla. Nós apenas fallaremos do jôgo da pelleta que se brinca com material muito simples e dos mais conhecidos.

I — Toda a bola jogada pelo atirador aquem da corda dá 15 pontos aos adversarios. O mesmo se passa com uma bola atirada fóra do limite do jôgo.

II — Todo jogador que reenvia a bola fóra dos limites do jôgo faz perder 15 pontos ao seu campo. O mesmo acontece quando um jogador bate duas vezes na bola para a reenviar, ou toca um dos seus parceiros.

III — Quando a bola ultrapassa os postes, dá 15 pontos ao campo contrario a estes postes. Uma partida joga-se ou divide-se em 8 jogos; cada jôgo é de 60 pontos; nós veremos mais adiante que as partidas podem ser jogadas em maior numero de pontos. Conta-se sempre por 15 pontos.

Os jogadores de cada campo estão nos seus lugares.



A sorte designa o campo que deve começar a lançar ou entregar a bola: B, por exemplo. Um dos jogadores atira e qualquer que seja o lugar onde a bola pare, o marcador apruma um tento de frente da corda; é a primeira *jogada* ou *chasse à la corde*. Principia-se sempre uma partida estabelecendo uma *jogada*, mesmo que o atirador mandasse a bola por sob a corda ou fora do limite. O atirador joga segunda vez a pelota, prevenindo os adversarios por um movimento com o braço ou pela palavra «Bola!».

Estes esforçam-se por reenvial-a e ella passa de um campo para outro até que um jogador não tenha tempo de atiral-a antes de dar o seu segundo salto. A pelota é detida pelos jogadores de um e de outro campo, segundo o caso; o marcador apressa-se em dirigir-se de frente do lugar onde a bola foi detida e fixa um tento sobre o alinhamento. Ha então duas *jogadas* visto que a primeira foi collocada por ajustena corda. Os jogadores trocam de campo para disputal-as.

Um jogador de A, atira por sua vez. Elle manda a bola, si é dextro, aos lugares mais fracos e menos defendidos: ha todo o interesse em que ella não volte, porque depois de ter sido atirada um certo numero de vezes, si um jogador de B a lançasse definitivamente além da primeira *jogada* este faria ganhar 15 pontos aos seus parceiros. A primeira *jogada* tendo sido feita, tracta-se da segunda do mesmo modo e se instituem mais duas *jogadas*.

Averiguemos os diversos casos que podem apparecer.

1.—O campo B ganhou duas *joga-*

*das*; elle é possuidor de 30 pontos; o campo A nada marcou.

Duas outras *jogadas* são assentadas, o mesmo campo as torna a ganhar. Ha 60 pontos e o jôgo está terminado.

2.—Cada campo ganha uma *jogada* no começo; elles se acham possuidôres de 15 pontos; porem, B ganha as duas *jogadas* seguintes; elle têm então 45 pontos e A somente 15. Neste caso, uma unica *jogada*, chamada *classe du jeu* é instituida; B ganha e o jôgo está terminado.

3.—Cada campo ganhou 30 pontos. Convencionam-se duas *jogadas*; B torna a ganhar-as e o jôgo termina.

4.—Um dos campos, seja B, tem 45 pontos e o outro 30. Como no segundo caso, se institue uma unica *jogada*; B torna a ganhar-a e o jôgo finaliza.

5.—Cada campo tem 45 pontos; então se continua a jogar até 75 pontos. Duas *jogadas* são estabelecidas; B as alcança e o jôgo está terminado.

6.—Os campos têm como anteriormente 45 pontos; duas *jogadas*, são ainda convencionadas e disputadas; porém ellas são divididas e o jôgo nada adiantou; os campos têm ainda 45 pontos: continua-se a contender nas *jogadas* até ao momento em que um dos campos chegue a possuir 75 pontos. Ahi está porque certos jogos podem ser disputados durante meia hora ou mais. Nós supuzemos que a pelota cahisse sempre dentro das demarcações do jôgo; nem sempre é assim que acontece; ha vezes em que um jôgo inteiro se acha terminado sem ter havido o ajuste das *jogadas*, seja porque o atirador poz de baixo da corda ou fora do limite.

## LITERATURA





## A descoberta da America

*Um tal Christoram Colombo  
Sonhou que a Terra era espherica,  
Que, voando como um pombo,  
Havia de uchar a America.*

*Não era, nada, de cera  
O distincto genovez !  
Como a Italia onde nascera  
Não lhe desse, não, as tres  
Caravelas que pedia,  
Elle, de um golpe tão fundo,  
Teve um rasgo de energia :  
Foi ao rei de Portugal !  
Mas o rei Dom João Segundo  
Virou-lhe as costas... Fez mal !*

*Colombo não desanima ;  
Corre logo, logo, á Hespanha  
Onde faz tal arte e manha  
Que os reis, Fernando e Izabel,  
Como prova, emfim, de estima  
Dão-lhe tres barcos, tres navas  
Que voavam como as aves,  
Como barcos de papel !*

*Numa alvorada de agosto  
Ouvindo o clarim dos gallos,  
Colombo, forte e disposto,  
Sahiu do porto de Pallos !*

*Cada barco, satisfeito,  
Mastros altos como lanças,  
Levava, dentro do peito,  
Uma porção de esperanças !*

*Navegam bem uns dois mezes  
Parece que, em boa paz,*



*Deixando os ceos portuguezes  
Ficarem atraz, muito atraz !*

*A terra não fica longe,  
Pensa Colombo e não tarda !  
E pede a Deus, juncto a um monge  
Que lhe faça sempre guarda !*

*Rasgando a calma do oceano,  
Nem sombra de humana voz !  
Os tres barcos, no mar plano,  
Eram tres cascas de noz !*

*Mas, um dia, do horizonte  
Encortinado de brumas,  
A terra levanta a fronte  
Da sua cama de espumas.*

— *Terra ! E a terra maravilha  
Colombo, fóra de si.  
— Era a America ! Era uma ilha  
Chamada Guanahany !*

\* \* \*

*Por isso, o doze de Outubro  
Do anno de noventa e dois  
Recordando o feito rubro  
Ficou na Historia depois.*

ANTONIO PEIXOTO.



## Hymno official do Grupo de Cravinhos

*Esta escola, nosso ninho,  
Regaço feito de amór,  
Tem a graça d'um carinho,  
A pureza d'uma flór !*

CÔRO

*O nosso affecto mais puro  
Recebe, ó Grupo Escolar !  
Tu, que as portas do futuro  
Nos rasgas, de par em par !*

*Da escola se aprompta e parte  
A raça forte e gentil  
Que levará o estandarte.  
Auri-verde do Brazil !*

*A escola ensina a verdade !  
E, da verdade, o arrebol  
Tem a grande claridade  
Da luz risonha do Sol !*

ANTONIO PEIXOTO.





## Sugestões de um Symbolo

Eil-a! A's brizas da Patria alegre se desfralda  
A bandeira gentil — ouro, azul esmeralda.

Descobre-te, patricio, aos sens bellos fulgôres.  
Traz-lhe muito amôr, traze-lhe muitas flôres.

Faz milagres de heroes, loucuras de civismo.  
Esta é a Biblia da Patria, a Cruz do patriotismo.

E' fonte de entusiasmo e sanctos alvoroços.  
Traz sempre a primavera ao coração dos moços.

Vamos! Apprende amê-l-a, ó patriota vir'l!  
Solêtra na bandeira o fulgôr do Brazil!

\* \*

Conhece-a. Conhecer é quasi amar. E, certo,  
Ao teu olhar curioso é um claro livro aberto.

Lê a bandeira, a sorrir, cheio de sympathia.  
E' doce lêr-se um poema: ella é toda poesia...

E si a conheces bem, ella te fala, vê:  
No mundo tudo fala a quem estuda ou crê;

Tudo tem alma: o rio, o ceo, ruinas antigas;  
O sertanejo fala ás arvores amigas;

Ao poeta genial falam as primaveras;  
Kepler ouve no ceo o rolar das espheras.

Ouve-a. A bandeira fala encantadôra e mansa.  
Tem o dom da saudade e o condão da esperanza.

\* \*

Como uma cathedral dos tempos medievaes  
E' toda symbolismo aos teus olhos joviaes.

No rectangulo verde espraia o teu olhar:  
E' verde como a selva e verde como o mar.

Esse verde recorda a floresta. A floresta  
Numa pompa de luz, sempre a cantar em festa.

Recorda o rio, a inubia, o ninho preso á planta.  
E assim, cheia de sons, como a bandeira canta!

Recorda a selva, a flôr, a primavera em summa.  
E essa recordação como a encanta e a perfuma!

O lozango recorda um grande Brazil de ouro  
Atufado na selva, um immenso thesouro.

E vês, em busca do ouro, em asperas conquistas,  
Sobre o azul do Tietê as bandeiras paulistas.

Agora a esphera azul, faiscante de estrellas.  
E fazem-te sonhar... E como é doce vel-as!

E' o ceo, cujo mysterio immenso se acabou:  
Gusmão o descobriu; Dumont o conquistou.

O Cruzeiro do Sul com a caricia de luz  
Baptisa este pa'z — Terra de Sancta Cruz.

E um bem estar invade a tua alma adorada  
Recebendo do ceo a bençam constellada.

\* \*

Olha: um lacteo fitão percinta o ceo de anil:  
— E' a synthese real da historia do Brazil.

Vê: «Ordem e Progresso». Este lemma é um programma  
De civilisação, de quem á Patria ama.

E' a sina que uma fada — a Historia — alviçareira  
Prophetisou outr'ora á gente brasileira.

E' o baptismo da Gloria, a bençam do Passado,  
A profissão de fé que honra ao Brazil amado.

Canto da Mocidade, hymno ardente da Paz,  
— Juramento viril de raça forte e audaz.

Lemma sancto que encerra um saber tão profundo  
Ha de ser no futuro a divisa do mundo.

Lemma que o Justo, o Bom tem como summa guia  
E Christo ou Mahomet ou Buddha o ensinaria.

Deus o pensou um dia ao fazer o Universo,  
E Comte o traduziu como um celeste verso.

\* \*

Maravilhosa, ideal, purissima bandeira,  
Perfeita encarnação da Patria Brasileira!

Na officina, no lar, no altar, na escola — encanta  
E incute o amôr e a paz e encoraja: é uma Sancta!



Na guerra é Joanna d'Arc, é uma batalha accessa,  
E' a Bellona a soprar o instincto da defesa.

Treme a seda auriverde; as estrellas chammejam,  
E ouvem-se-lhe clarins quando as hostes pelejam.

Na guerra impõe bravura e impõe na paz amor:  
Pode brilhar no altar como num cruzador.

E' delicada e linda. E na sua feitura  
Entrou tanta belleza, entrou tanta ternura.

Que, quando se desfralda á luz clara do dia,  
E' um Hymeto, é a Castalia a derramar poesia.

Que ninho mais gracioso e mais ideal houvera  
Onde a ideia de Patria encarnar-se pudera?

Si é o espirito a Patria, é o corpo essa bandeira  
— Patria da propria Patria adorada, altaneira.

E nella mora a Patria assim como na flôr  
Mora o perfume e na hostia anda Nosso Senhôr.

Como a musica, o verso, o mysterio do mar,  
Ella obriga a sentir e convida a sonhar.

Sob o doce hypnotismo ardente da belleza  
A nossa alma de estheta ha de alli ficar presa,

E, na contemplação amorosa e consciente,  
O patriotismo sonha em baladôramente.

Na paz — inspiração; no mar — nossa mortalha;  
Christo que resuscita o valôr — na batalha,

— Olha a bandeira ainda: é immensamente bella!  
A Patria é uma sereia a cantar dentro della.

Decore-a teu olhar; guarde-a teu coração;  
Estuda com fervor essa viva licção,

E orgulha-te em possuir na Patria mais ditosa  
A bandeira mais pura e mais linda e gloriosa.

\* \* \*

A bandeira gentil seja sempre contigo  
A inspirar teus ideaes. -- Ah! meu querido amigo!

Eu fico a vel-a e ouvil-a, a sorrir e encantado,  
A sonhar com o futuro e a sonhar com o passado,

Como um netinho a ouvir as narrações guerreiras  
De condes medievaes de longas cabelleiras,

De meigas castellãs sobre os balcões em flôr  
Onde tange o arrabil mimoso trovadôr,

— Narrações que só faz a avósinha adoravel  
Entre um beijo e um sorriso e uma caricia amavel.

E então meu coração se enche de sympathia  
E eu amo tudo: o ceo; o mar, a luz do dia;

E amoroso, como uma amphora de ternura,  
Quero me derramar por toda a Patria pura;

E como um Deus encher os corações de altruismo,  
Praticar o civismo e ensinar o civismo,

Trabalhar pela Patria e dar felicidade,  
Messiánicamente espalhando a bondade.

JOSÉ ESCOBAR.



MOVIMENTO ASSOCIATIVO



A séde da Associação Beneficente do Professôrado Publico do Estado é á rua Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6, ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a séde.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua 13 de Maio, n. 64; o thezoureiro, sr. Izidro Deuser, á rua Vergueiro, n. 112; o 1.º secretario, sr. Demosthenes Marques, á rua Bonita, n. 8; o procuradôr, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 120.

O thezoureiro é diariamente encontrado na séde social, das 7 ás 8 horas da noite.

O quadro das mordômas para o corrente anno, é o seguinte:

Fevereiro — d. Genoveva de Almeida Motta, residente á rua do Carmo, n. 54;

Março — d. Brasilia Izidro da Silva, residente á rua da Tabatinguera, n. 5;

Abril — d. Guiomar dos Sanctos Torrezaõ, residente á rua da Tabatinguera, n. 33;

Maio — d. Maria Esmeralda Ceslau de Moura, residente á rua Monsenhôr Andrade, n. 18;

Junho — d. Isabel de Serpa e Souza, residente á rua Tres Rios, n. 8;

Julho — d. Guiomar Silva, residente á Avenida Celso Garcia, n. 315;

Agosto — d. Ignez Augusta da Conceição, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Setembro — d. Lucinda Maria Braga, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Outubro — d. Maria do Carmo Pinto da Silva, residente á ladeira Quirino de Andrade, n. 35;

Novembro — d. Alice S. Avila de Macedo, residente á Alameda Barão de Limeira, n. 131;

Dezembro — d. Avelina Reis Vieira, residente á rua Conselheiro Furtado, n. 97;

Janeiro de 1910 — d. Catharina Ceslau de Moura, residente á rua da Tabatinguera, n. 34.

A Directoria, eleita a 11 de janeiro, composta a 17 do mesmo mez, e que tem de servir durante o corrente anno, é a seguinte:

Fernando Martins Bonilha Junior — presidente;

Alfredo Bresser da Silveira — vice-presidente;

Izidro Deuser — thezoureiro;

Demosthenes Marques — primeiro secretario;

Sebastião Lang — segundo secretario;

José F. Marcondes Domingues — primeiro directôr;

Antonic Pereira Baptista, Alfredo Machado Pedrosa e Frontino Ferreira Guimarães, membros do Conselho fiscal.

A *Revista de Ensino*, é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editôr responsavel é o presidente da Associação.

O redactôr secretario deste organ é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação, á caixa postal 183.

Os preços da assignatura da *Revista* são os seguintes:

Anno . . . . . 5\$000  
Num. avulso . . . 1\$500

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

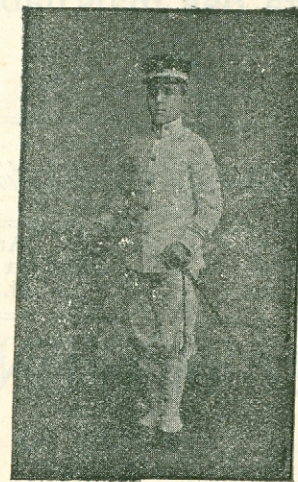
Os associados pôdem obter a *Revista* com abatimento de 50% sobre os preços de assignatura.

A directoria, de acôrdo com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionacs, o qual será distribuido a todos os associados.

## Ao Fornecedôr DAS ESCOLAS PUBLICAS

Carabina escolar de fabricação propria, distinctivos e  
medalhas para premios

Rua José Bonifacio, 29 — Telephonio, 1658  
S. PAULO



Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Única casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os grupos escolares, lyceus e collegios particulares

SECCÃO DE EXERCICIOS MILITARES  
Armamentos, Espadas, Tambôres, Cornetas, Divisas.  
Especialidade em Estandartes bordados, Bandeiras e Cortinas.

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

CASA DE CONFIANÇA — Importação directa

A. BOGGIANI

Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1893



# Officina de colletes

PARA SENHORAS

DE

## M<sup>ME.</sup> MARMO

Especialista das mais habilitadas



*Rua Barão de Tapetininga, 22*

**S. PAULO**

Telephonio, 1843

Annexa a  
Officina de Costura de  
M.me TASSI

### AVISO IMPORTANTE

Os colletes fabricados por M.me MARMO, são os mais hygienicos e comodos, assegura e mantem sem compressão alguma o maior equilibrio do busto.

**Espartilhos, Cintos Orthopedios**  
recomendados pela Academia de Medicina de Paris, e nos hospitaes d'esta capital.

**ULTIMA CREAÇÃO DE PARIS**

**Verdadeiro triumpho na arte**

## NOTICIARIO



## PUBLICAÇÕES-

Confessando-se sempre reconhecida, a *Revista de Ensino* espera ainda a honra da permuta com os seguintes orgams dos Estados e do estrangeiro: de Portugal—*Educação Nacional*, do Porto; de França—*Le Paysan de France*, da Capital; do Mexico—*La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense*, de Chihuahua; de Guatemala — *El Guatemateco*, diário official da Republica; *Diario de Centro-America*, da Capital; do Equador—*Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayaquil; da Republica Argentina—*El Magisterio*, *El Monitor de la Educacion Común*, *La Higiene Escolar*, de Buenos Aires; *La Escuela Practica* e *Revista de Educacion*, *Revista de Instrucción Primaria*, de la Plata; do Uruguay — *Anales de Instrucción Primaria*, da Capital; do Acre—*O Cruzeiro do Sul*, do Alto Juruá; *O Acreano*, de Xapury; do Pará—*A Alvorada*, de Belém; do Maranhão — *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, *Phenix*, *Revista Typographica*, *Avante!*, de S. Luiz; *A Comarca* e *O Commercio*, de Codó; *O Anapuruá*, de Brejo e *Jornal de Commercio*, de Caxias; do Piauí—*O Commercio*, *A Luz*, da Capital; do Ceará — *Revista «Fortaleza»*, *Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarilhica*, de Fortaleza; *Oitenta e Nove*, *O Paladino*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim; do Rio Grande do Norte — *A Voz do Potyguar*, de Curros Novos; da Parahyba—*O Estado de Parahyba*, da Capital; de Pernambuco — *O Missionario*, de Recife; de Alagôas—*O Popular*, *A Illustração*, de Maceió; *Vinte de Julho*, de Pilar; da Bahia — *Ad Lucem*, *Boletim*, da

Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publica, da Capital; *A Luz*, de Sancto Amaro; do Espirito Sancto—*Diario da Manhã*, *Estado do Espirito Sancto*, *O Commercio do Espirito Sancto*, de Victoria; do Rio de Janeiro—*Tribuna de Petropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto; *O Vagalume*, de Niteroy; *O Brazil*, de Friburgo; *O Sorriso*, de Macahé; do Districto Federal — *O Magneto*, *Revista Militar*, *O Universo*, *Revista de Medicina*, *Revista Catholica Illustrada*; do Paraná—*A Escola*, do Gremio do Professôrado Publico, de Curitiba; de Sancta Catharina—*O Escolar*; *Gazeta e Commercio*, de Joinville; *O Estimulo*, de S. Francisco do Sul; *O Pharol*, Itajahy; do Rio Grande do Sul — *O Taquaryense*, de Taquary; de Matto Grosso—*O Brazil*, de Cumbá; *A Voz do Povo*, de Cuyabá; de Minas Geraes—*O Monitor Sul Mineiro*, de Campanha; *O Passageiro*, de Tres Corações do R. Verde; *O Resistente*, de S. João de El-Rey; *Gazeta*, de Ubá; *Gazeta*, de Ouro Fino; *O Commercio*, de S. João Nepomuceno; *O Araguay*, de Araguay; *A Voz do Povo*, de Poços; *O Juvenil*, de Bom Successo; *O Guarará*, de Espirito Sancto do Guarará; *Correio Catholico*, de Uberaba; *Mereantil*, de Palmyra; *O Povo*, de Bicas; *A Propaganda*, de Itapeçerica; de S. Paulo—*Boletim*, da Repartição Demographo-sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, *Concordia*, *A Revista*, *Nova Revelação*, *O Argus*, *Boletim da Devoção de S. José*, da Capital; *O Mundo Occulto*, *A Cidade*, de Campinas; *A Folha e O Jundiayense*, de Jundiayhy; *Correio do Norte*, de Guaratinguetá; *Cidade*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhançã; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio*, de Botucatu; *A Folha e Mensageiro*, de Aparecida; *Republica* e *A Cidade*, de Itú; *Quiuze de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta*, de Jacarehy; *A Gazeta do Pinhal*,

afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados sempre que mudem de residencia, o comuniquem ao secretario.

## Postos medicos.

1) — *Dr. Carlos Meyer* — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 64, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe o fazer gratuitamente analyses em escarros, catharros e outras substancias, para elucidações de diagnosticos clinicos.

2) — *Dr. Roberto Gomes Caldas* — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer.

Consultorio — rua de S. Bento, n. 38;

Residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

3) — *Dr. Lycurgo Pereira* — Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições :

## Visitas, 5\$000 ;

Consultas aos associados, gratis.  
Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

4) — *Dr. N. Soares Couto* — Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições :

Visitas nos domicilios 5\$000 ;  
Consultas 3\$000 ;

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 28.

## Dentistas.

1) — *Jayme Teixeira* — Cirurgião dentista. Presta seus seus serviços profissionaes, aos associados e ás suas familias por preços modicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2) — *Mario Las Casas* — Presta seus serviços profissionaes por preços modicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12

3) — *Julio E. de Santanna* — Cirurgião dentista, trabalha em prestações para os professores e faz o abatimento de 20 %. Rua da Consolação, n. 30.

*Observação* — Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

## Pharmacia.

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20 % . :

1) — *Pharmacia de Sancta Thereza*, de Ignacio Puiggari, á rua Sancta Thereza, n. 9.

2) — *Pharmacia e drogaria*, de João dos Santos e Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3) — *Pharmacia Assis*, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 9.





ANNUNCIOS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP  
BIBLIOTECA MACEDO SOARES



Vendem-se collecções encadernadas  
DA

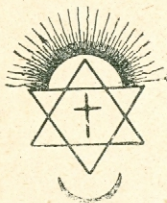
# Revista de Ensino,

na R. Sancta Thereza, 28

## ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo, as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto R. de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recrutas com arma; escola de esquadra; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos a cada parte do livro.*



## ADEPTO

Esta importante obra é a mais completa que se tem publicado sobre os conhecimentos **Indús** e suas praticas.

O leitôr nella encontrará a maneira pela qual os Fakires desenvolvem suas forças occultas e as põem em execução, para produzir os mais surprehendentes phenomenos que se possam imaginar, como sejam:

Materializar e desmaterializar qualquer objecto, actuar a distancia, desdobramento do corpo astral, materializar espiritos, pôr-se em relação com o além, transmittir o pensamento a milhares de leguas, fazer germinar qualquer semente, dominar as multidões, convencer os incredulos com factos positivos, curar os doentes por processos occultos, emfim revelando todos os mysterios occultos dos yogis Indús.

Traducção auctorizada do **Brazil Psychico Astrologico.**

**Preço:** brochado, 3\$000; cartonado, 4\$000; encadernado em luxo, 5\$000.  
Pedidos á redacção d'**O Pensamento**—R. Marechal Deodoro, 31

S. PAULO

*A Republica e O Pinhalense, do Espirito Sancto do Pinhal; A Cidade de S. João, e A Jardineira, de S. João da Boa Vista; A Cidade e o Correio Palmeirense; O Tempo e a Cidade de Faxina; O Municipio, de Lorena; O Municipio, de Pirassunuga; A Cidade, de Dous Corregos; O Municipio, A Imprensa, O Movimento, de S. Manoel do Paraizo; O Capivary, A Gazeta, de Capivary; O Cartel, de Batataes; O Correio Brotense; O Cravinhos; O Tieté, Correio do Sertão, de Avaré; Imparcial, de Bebedouro; O Mineirense, S. João da Bocaina; O Porvir, de S. José do Rio Preto; Correio do Interior, de Ribeirãozinho; A Vera Cruz, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca; O Proletario e o Rio Pardo, de S. José do Rio*

*Pardo; Escolar, A Folha, O Arauto, de Porto Ferreira; O Diario de Sanctos; Tribuna do Povo, de Itapetininga; O Guarapiranga, de Sancto Amaro; Tentamen, de Jahú; A Comarca, de Mogyimirim; O Cachoeirense, de Piracicaba e Il Messaggero, do Amparo.*

Apezar, comtudo, de não haver frequencia nas visitas de um ou de outro collega; apezar de nos faltar a visita de um ou de outro dos confrades mencionados, dos quaes não temos noticias, o que muito nos entristece—ainda lhes enviaremos a *Revista* até aos fim do anno, confessando-nos grato pela cortezia da visita.





# SUMMARIO

---

## REDACÇÕES

*O actual programma ensino dos Grupos e da Escola Modelo*, do  
SR. PROF. AUGUSTO R. DE CARVALHO. . . . .

## QUESTÕES GERAES 5

*Physiologia e Psychologia*, do SR. PROF. ARTHUR BREVES . . . . 13

*O ensino agricola*, do SR. JOSÉ A. DE AZEVEDO ANTUNES . . . . 16

*Trabalhos manuaes*, do SR. PROF. BRUNO ZWARG . . . . . 22

*Instrucção publica*, do SR. PROF. LUIZ CARDOSO . . . . . 23

## PEDAGOGIA PRATICA

*Paginas civicas*, do SR. PROF. DR. JOÃO HÖPKE . . . . . 27

*Cartographia*, do SR. PROF. R. CARDOSO . . . . . 32

*Jogos escolares*, da SRA. D. ADELIA PINATEL . . . . . 33

## LITERATURA

*A descoberta da America* . . . . . } do SR. PROF. ANTONIO PEIXOTO 39

*Hymno escolar* . . . . . } 41

*Suggestões de um Symbolo*, do SR. PROF. JOSÉ ESCOBAR . . . . . 43

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

### NOTICIARIO

### ANNUNCIOS

### SUMMARIO

